

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA**  
**NA EDUCAÇÃO INFANTIL – MEC/UFRGS**

GREICE BEN STIVANIN

**COM SABOR E AFETO:  
UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS  
DE ALIMENTAÇÃO NO BERÇÁRIO**

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL – MEC/UFRGS

GREICE BEN STIVANIN

**COM SABOR E AFETO:  
UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS  
DE ALIMENTAÇÃO NO BERÇÁRIO**

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof. Dra. Simone Santos de Albuquerque

Porto Alegre

2016

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho quero agradecer...

... em primeiro lugar a Deus, pela proteção e por estar sempre ao meu lado;

... aos bebês e as crianças, que são minhas inspirações diárias e pelos quais realizei este estudo;

... à minha orientadora Simone Santos Albuquerque, pelos ensinamentos, pela maneira delicada e tranquila que acolheu minhas dúvidas e anseios, incentivando-me a seguir sempre em frente;

... ao meu pai e minha mãe, pessoas especiais, que sempre valorizaram o estudo em minha vida;

... ao meu namorado Marcelo, pela paciência, pelo incentivo, pela força e pela compreensão por este período em que estive envolvida com a realização deste estudo;

... às colegas de curso Erica, Barbara, Andrea e Ana Lucia, pelo companheirismo e por compartilhar os deliciosos almoços nos sábados de aula;

... aos colegas de trabalho e aos amigos, pela força e incentivo de sempre;

... aos professores do curso de especialização, por compartilhar de seus saberes e conhecimentos.

A todos vocês, muito obrigada!

*Não se pode trabalhar com bebês  
se não se tem paixão pela vida.*

Vitor Guerra

## RESUMO

A presente pesquisa encontra sua relevância no âmbito dos estudos sobre a vida cotidiana dos bebês na escola infantil, especificamente sobre os momentos de alimentação. A alimentação na escola infantil não pode ser encarada somente como a ingestão de alimentos ou por questões nutricionais. Mais do que isso, as práticas cotidianas de alimentação dos bebês extrapolam essa condição, pois oportunizam experiências importantes de vida aos bebês. Com a chegada cada vez mais cedo dos bebês na escola de educação infantil, muitos estarão vivendo suas primeiras experiências com o alimento neste espaço, o que reforça a necessidade deste momento ser pensado, planejado e organizado num contexto de experiências e de aprendizagens de excelência. Os momentos de alimentação possibilitam muitas interações entre os bebês e seus pares e dos bebês com os adultos, além de favorecer o desenvolvimento da sua autonomia, de novas descobertas e aprendizagens. Tem como objetivo analisar como são pensados, organizados e planejados os momentos de alimentação dos bebês na escola infantil. A pesquisa de caráter qualitativo faz uso do método de “estudo de caso”. Para tanto utiliza como recursos a observação direta, os registros do diário de campo, entrevista com a professora titular do grupo de Berçário e a análise do Projeto Político Pedagógico da Escola.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Bebê. Alimentação.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>TRILHANDO O CAMINHO</b> .....	13
2.1	OS BEBÊS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL .....	13
2.2	PENSANDO O COTIDIANO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL .....	18
2.3	ALIMENTAÇÃO DE BEBÊS NO CONTEXTO DA ESCOLA INFANTIL.....	22
<b>3</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	27
3.1	ORGANIZANDO O CAMINHO .....	27
3.2	A ESCOLHA DO LOCAL DA PESQUISA E O ACEITE DOS SUJEITOS.....	28
3.3	O ESTUDO DE CASO .....	29
3.4	OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO.	30
<b>3.4.1</b>	<b>Observação</b> .....	30
<b>3.4.2</b>	<b>Diário de Campo</b> .....	32
<b>3.4.3</b>	<b>Entrevista</b> .....	32
<b>3.4.4</b>	<b>Análise Documental</b> .....	34
3.5	CONTEXTOS DE INVESTIGAÇÃO .....	34
<b>3.5.1</b>	<b>O Grupo de Berçário</b> .....	35
<b>3.5.2</b>	<b>Breve Caracterização dos Momentos de Alimentação</b> .....	36
<b>4</b>	<b>A ALIMENTAÇÃO DE BEBÊS NA ESCOLA INFANTIL: ALGUMAS ANÁLISES</b> .....	38
4.1	COMUNICAÇÕES ENTRE OS SUJEITOS QUE CUIDAM E EDUCAM OS BEBÊS: A FAMÍLIA E A ESCOLA .....	38
<b>4.1.1</b>	<b>A Amamentação de Bebês na Escola Infantil</b> .....	43
4.2	COMUNICAÇÕES ENTRE OS ADULTOS NO CONTEXTO ESCOLAR: OS EDUCADORES E OS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA .....	44
4.3	COMUNICAÇÕES NO COTIDIANO DA ESCOLA INFANTIL: BEBÊS, EDUCADORES E FUNCIONÁRIOS.....	48
4.4	A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO/TEMPO NOS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO.....	51
4.5	AÇÃO PEDAGÓGICA DA PROFESSORA NOS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO: ATENÇÃO AOS DETALHES .....	60
4.6	A VISIBILIDADE DOS BEBÊS NA ESCOLA INFANTIL .....	64

<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para introduzir meu trabalho, quero contar como foi minha imersão no mundo dos bebês. A vida, quando refletimos, nos mostra que o tempo vivido se entrelaça por aquilo que nos move, nos desafia e nos afeta, direcionando-nos ao encontro daquilo que faz pulsar dentro de nós, que nos emociona, neste caso as crianças pequenas, em especial os bebês.

Meu interesse no campo da educação de bebês emergiu das experiências e estudos vivenciados no decorrer da graduação em Pedagogia, quando tive a oportunidade de atuar como visitadora, e depois também como monitora no Programa Primeira Infância Melhor, um programa intersetorial, com sede vinculada à Secretaria Municipal de Saúde, no município de Santiago, RS. O referido programa se configura numa política pública de promoção à atenção integral à primeira infância, e desenvolve-se através de visitas domiciliares e comunitárias, realizadas semanalmente às famílias, principalmente àquelas em risco e vulnerabilidade social, orientando-as e buscando fortalecer os vínculos familiares e suas competências na relação de cuidar e educar suas crianças.

Foi uma experiência valiosa, de muitos conhecimentos e aprendizagens sobre a infância e as especificidades desta faixa etária, alicerçadas em estudos de Vigotski, Piaget, Bowlby, Wallon, Winnicot e Brunner, e referenciais oriundos de pesquisas e descobertas científicas no campo da neurociência e da psicologia, que, dentre outros aspectos, apontam a importância da relação e dos vínculos do bebê com o ambiente e seu cuidador, e a influência desta relação para o desenvolvimento sadio da criança, enfatizando o quanto a maneira como nos relacionamos com os bebês merecem atenção especial, e o quanto a fase de zero aos três anos é carregada de aspectos decisivos para o desenvolvimento da criança, ao longo de toda a sua vida.

Sabendo que os bebês apresentam grande dependência no início da vida, cabe aos seus cuidadores, seja no âmbito familiar, ou os educadores no âmbito educacional, garantir que de fato suas necessidades sejam nutridas e atendidas para seu bem estar biopsicossocial. Por se tratar de uma experiência junto às famílias, tive a oportunidade de vivenciar a importância do acolhimento às famílias, aos bebês e a oportunidade de compreender culturalmente as infâncias e as

concepções referentes às crianças, bem como o compromisso de todos para o seu desenvolvimento integral.

Em meados de 2009 me torno professora de bebês na instituição formal, no espaço escolar, e naquele contexto confronto-me com algumas concepções a respeito das práticas pedagógicas propostas para os bebês. Percebo que as formas de conceber a educação de bebês em espaços coletivos mostravam-se desvalorizadas no âmbito da Escola de Educação Infantil, pela dicotomia entre o cuidar e o educar, muitas vezes pela invisibilidade dos bebês, ou então voltada para a escolarização com propostas pedagógicas didatizadas, considerando os bebês como meros receptores, ou como sujeitos que precisam ser preparados para alguma coisa, antecipando etapas de seu desenvolvimento.

Aos poucos fui me constituindo como professora de bebês na escola infantil, acreditando ser possível garantir uma ação pedagógica com crianças de zero a três anos, que contemplasse a especificidade desta fase. Enquanto professora, fui percebendo a necessidade de outros referenciais que pudessem embasar teoricamente minha prática e poder dar conta do compromisso ético que assumimos quando trabalhamos com crianças, em especial com bebês que estão constituindo-se subjetivamente e estão vivenciando as primeiras experiências de vida. Acolher os bebês no espaço coletivo é um grande desafio para a escola que acolhe, e para a família que escolhe e/ou necessita deixar seu filho na escola, evidenciando a necessidade de compartilharmos esta educação.

Ao longo da história da Educação Infantil, estudos mostram que as escolas foram pensadas para atender à necessidade das mães trabalhadoras, que com o advento do capitalismo passaram a assumir atividades fora de casa, necessitando de ajuda nos cuidados e educação de seus filhos. A história da creche está ligada a modificação do papel da mulher na sociedade, a creche surge para atender esta demanda. Neste caso, conforme Guimarães (2011) as ações institucionais são consideradas como substitutas do papel da mãe e, portanto, um mal necessário.

No Brasil, as instituições de educação infantil – creches, escolas maternais ou jardins de infância – começaram a instalar-se na década de 1870. A creche receberia os bebês de até dois anos de idade apenas nos casos em que as mães necessitassem trabalhar (KUHLMANN, 2000). Segundo este mesmo autor, as primeiras instituições voltadas ao atendimento da infância no Brasil tiveram seu

início marcado pelas ideias de oferecer assistência e amparo aos necessitados. Desta forma, as creches estiveram durante muito tempo vinculado às instituições filantrópicas ou órgãos de assistência e bem estar social (KUHLMANN, 1998).

Pode-se dizer que educação infantil como direito da criança é uma conquista recente no Brasil. Conforme Kuhlmann (2015) foi com o advento da Constituição Federal de 1988 que a educação infantil passou a ser definida como um direito da criança e dever do Estado, devendo ser oferecida gratuitamente. Foi a partir daí que as creches e pré-escolas passaram a ser incluídas, na política educacional, com uma concepção pedagógica e não mais assistencialista.

Essa mudança foi reforçada com a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que trata da organização da educação infantil em creches para as crianças de zero a três anos e pré-escolas para as de quatro a seis anos, tornando a educação infantil como primeira etapa da educação básica e parte integrante do sistema de ensino do país.

Com as conquistas e os avanços dos últimos tempos, no que se refere à educação infantil, os estudos sobre a educação de bebês no espaço coletivo vêm ganhando força, ampliando o olhar sobre a infância e as práticas educativas para a faixa etária de zero a três anos, em especial nos grupos de berçário, o que me faz pensar que a concepção pela qual se estrutura uma escola que acolhe bebês é decisiva no atendimento a esta fase e na garantia de que seja, de fato, ofertado um ambiente que contemple a especificidade desta fase, e de fato garanta o direito da criança e não somente a necessidade da família.

As teorias sobre o desenvolvimento infantil, e os estudos sobre a educação de bebês no espaço coletivo, me levaram a conhecer o trabalho de Emmi Pickler, do Instituto Lóczy, na Hungria, destinado a acolher crianças órfãs, no período pós II Guerra Mundial. Lóczy atualmente leva o nome de sua fundadora Emmi Pickler, oferecendo em sua prática educativa um atendimento de qualidade, tendo como base o respeito e a confiança na capacidade dos bebês, privilegiando aspectos como a organização do espaço, permitindo a ação autônoma da criança em diferentes momentos, a estabilidade das relações afetivas, as interações, a comunicação, o respeito ao ritmo individual de desenvolvimento, e os cuidados de excelência em momentos de higiene, sono, alimentação.

Dentro desta perspectiva, enquanto professora de bebês, acredito na necessidade e busca constante de novos saberes e conhecimentos que possibilite

qualificar o trabalho junto aos grupos de berçário. Assim, ao realizar o curso “Aprofundamento em Berçários”, oportunizado pela Secretaria de Educação do município de Porto Alegre, no ano de 2013, em parceria com a ONG OSCIP-ACOLHER, foi possível estudar e aprender mais sobre o trabalho de Emmi Pickler, relacionando com a minha prática pedagógica de professora de berçário e construindo novos conhecimentos aliados ao dia a dia do trabalho com os bebês.

Os estudos neste curso abordaram temas extremamente significativos para refletir e pensar na qualidade das propostas de trabalho com bebês, em diferentes momentos da rotina, evidenciando desde a relação educador-criança, a construção dos vínculos, a postura do educador nos diversos momentos do dia, a liberdade de movimentos, a construção da autonomia, o brincar e as brincadeiras espontâneas e a importância de organizar uma rotina de cuidados de excelência nos diferentes momentos do dia, uma rotina previsível, atenta e afetuosa, como fatores essenciais para uma vida psíquica saudável.

Os estudos possibilitaram aprender mais sobre o universo dos bebês, e em especial provocou-me a pensar que estes bebês estão constituindo-se subjetivamente. De acordo com Pedrosa (2009), entre as muitas aprendizagens e aquisições dos bebês nas interações com os parceiros, uma das mais significativas que ocorre é a construção da subjetividade. A escola, como um todo, tem uma grande responsabilidade, uma vez que intervimos e marcamos de alguma forma a constituição psíquica desses bebês, ficando claro que nossas ações com eles valem para toda a sua vida. Ao mesmo tempo, sinto-me fortalecida, pois muitos estudos no curso vieram ao encontro do que eu acreditava ser importante garantir no contexto da prática pedagógica com os bebês.

Olhar para as minhas próprias experiências favoreceu o encantamento de buscar novos aportes teóricos e interpretar minhas ações enquanto professora, pensar nos detalhes da prática pedagógica no berçário, no respeito aos bebês como pessoas, na forma como eu me relaciono com eles, acreditar nas suas potencialidades, observá-los e refletir sobre minha prática, sem dúvidas me marcou muito.

Essas inquietações ganharam ainda mais evidência a partir do momento em que passo a atuar como assessora pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, no ano de 2014, ao vivenciar diferentes práticas com bebês na escola infantil. As diferentes experiências observadas no cotidiano das

escolas, a partir do distanciamento da sala de aula no papel de professora, provocaram-me a pensar e refletir sobre a vida cotidiana nas escolas infantis, principalmente sobre os momentos coletivos de alimentação dos bebês, momentos estes que acontecem em média quatro vezes ao dia, e que muitas vezes não são valorizados, tornando-se uma prática naturalizada no contexto escolar.

Assim, meu problema de pesquisa foi sendo construído neste novo contexto em que estou inserida a fim de buscar respostas para a seguinte pergunta: Que elementos da ação pedagógica são considerados no planejamento dos momentos de alimentação na rotina dos bebês?

## 2 TRILHANDO O CAMINHO

Neste capítulo realizo um breve estudo bibliográfico dos conceitos orientadores da pesquisa, começando com uma reflexão acerca dos estudos sobre bebês, complementando com estudos sobre a vida cotidiana no espaço coletivo da escola infantil, e por último trago alguns estudos sobre a alimentação no contexto da escola infantil.

### 2.1 OS BEBÊS NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Pensar sobre a educação de bebês na escola infantil nos remete a pensar sobre o caminho que esta etapa da educação vem trilhando. Nesta trajetória percebemos que nem sempre o cuidar e o educar, dois grandes eixos da educação infantil, e que marcam ações específicas do trabalho com os bebês, foram considerados de modo indissociado. Conforme Guimarães (2011), o cuidado por vezes é considerado para atender as demandas de sono, higiene, alimentação, proteger ou “tomar conta” da criança numa intenção disciplinadora, enquanto a ação de educar é compreendida como instruir e transmitir conhecimentos.

De acordo com o Parecer 20/2009, o cuidar e o educar são complementares no cotidiano da educação infantil. Cuidar e educar crianças na educação infantil começa com a criação de um ambiente agradável, facilitador e promotor de relações.

Cuidar e educar de modo indissociado é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas, etc.) e construir sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular de formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato com a criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças (BRASIL, 2009, p. 10).

Duas palavras neste trecho do Parecer 20/2009 merecem, no meu ponto de vista, destaque primordial para o trabalho com bebês e crianças pequenas:

*sensibilidade* e *delicadeza*, palavras de grande significado, que fazem toda a diferença na relação com as crianças, em qualquer momento do dia. Os sentidos que elas alcançam na vida de uma criança, é impossível de ser medido, diagnosticado, pois é para a vida toda. Tristão (2006), em sua pesquisa no berçário de uma creche, afirma que a prática docente com crianças pequenas é marcada pela sutileza das ações cotidianas, que muitas vezes são imperceptíveis dentro da rotina diária.

Nos últimos tempos, temos percebido que o acesso das crianças na educação infantil tem ampliado quantitativamente. A ampliação desta oferta também tem favorecido a chegada dos bebês a este espaço de educação coletiva, e desafiado os estudiosos a pensar uma prática que sustente as necessidades e especificidades que a faixa etária exige.

De acordo com Barbosa (2010), no ano de 1988, com a Constituição Federal, a educação infantil passou a configurar-se como um direito da criança e dever do Estado, marcando um avanço aos direitos da infância. Esta proposição legal provocou a expansão dos estabelecimentos de educação infantil e com isso ampliou-se o acesso dos bebês e crianças pequenas às instituições educacionais públicas. Apesar da ampliação de vagas, ainda não é possível afirmar que temos uma pedagogia específica para os bebês.

Conforme a autora acima citada, o tempo transcorrido deste a promulgação do direito da criança, a vaga nas creches e pré-escolas evidencia uma significativa mudança na compreensão dos direitos da criança, bem como uma aposta na contribuição que a escola de educação infantil pode oferecer às crianças pequenas e seus familiares (BARBOSA, 2010).

Os estudos sobre a educação de bebês no espaço coletivo da escola infantil vêm contribuindo significativamente para a concretização de práticas que considerem as especificidades da faixa etária, a partir de uma nova concepção de bebê e crianças pequenas. Conforme Gobbatto (2011, p. 43),

As pesquisas vêm mostrando que os bebês são ativos: iniciam ações, procuram o outro através do olhar, do gesto, do toque, do choro, interessam-se pelo mundo desde o seu nascimento. Estar ciente disso abre outras possibilidades para uma imagem de bebê e criança pequena que os vê como capazes e potentes e não mais como seres isolados e egocêntricos. Uma imagem que não é única, pois contém e deve dar conta das diferenças, particularidades e especificidades de ritmos, de cultura, classe, gênero, de cada bebê.

A ampliação dos estudos sobre bebês vem promovendo descobertas importantes e formas de se pensar a educação e o cuidado de bebês e crianças pequenas, na faixa etária de zero a três anos, evidenciando a necessidade de se ter um olhar diferente e ao mesmo tempo em que reconheçam os bebês em suas diversas formas de ser, estar, se relacionar e viver, como um ser social completo. Segundo as autoras Richter e Barbosa,

Os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo em nós – em nosso corpo – e no modo como estabelecemos nossas relações sociais (RICHTER e BARBOSA, 2010, p. 87).

O espaço coletivo da escola infantil é permeado por professores, educadores e outros profissionais, cada um traz consigo concepções de infância, de criança e de bebê. Dentro desta lógica há que se pensar neste coletivo, mas também em uma proposta que sustente de fato a garantia de uma educação de qualidade, que contemple as especificidades da faixa etária. Nesse sentido faz-se necessário conhecermos ainda mais sobre o universo dos bebês, para garantir a qualidade das práticas e do currículo para esta faixa etária.

De acordo com o Parecer n. 20/2009, que trata da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,

As especificidades e os interesses singulares e coletivos dos bebês e das crianças das demais faixas etárias devem ser considerados no planejamento do currículo vendo a criança em cada momento como uma pessoa inteira na qual os aspectos motores, afetivos, cognitivos e linguísticos integram-se embora em permanente mudança (BRASIL, 2009, p. 14).

Historicamente podemos afirmar que os bebês eram vistos e percebidos como seres incompletos, sem voz e vez. Era impossível pensar que seres tão pequenos pudessem ser considerados competentes em sua trajetória de vida. De acordo com Câmara (2006, p. 25),

Por muito tempo, os estudos sobre bebês em nossa cultura não atribuía qualidades autenticamente psíquicas aos bebês que era considerado como objeto de cuidados, receptáculo passivo da alimentação e de ações pedagógicas, portanto necessitando ser estimulado para interagir e para aprender.

Documentos legais, como a Constituição Federal, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96, têm fomentado um novo olhar para a faixa etária, bem como evidenciam aspectos de valorização, defesa, atenção e priorização da criança enquanto ser social e cidadã, com a capacidade de ter seus direitos garantidos no espaço em que se insere, com vista a uma vida digna e plena de respeito.

Frente aos documentos legais, também cabe a nós, profissionais envolvidos com a educação infantil, acompanhar e exigir que as ações propostas se efetivem, para que não fiquem apenas à margem e em discussões, e possam se expandir e repercutir na qualidade da educação na primeira infância.

Um dos estudos que tem se difundido no Brasil, nos últimos tempos, diz respeito ao Instituto Pickler-Lóczy, instituição criada em Budapeste e mantida até os dias de hoje. Neste instituto, Emmi Pickler desenvolveu e consolidou sua proposta de cuidados de excelência, que tornou-se conhecida em todo o mundo, mostrando que não se pode desconsiderar a importância das primeiras experiências de vida que ocorrem com os bebês e crianças pequenas, principalmente em momentos como na alimentação, banho, troca de fraldas, momentos esses que são impregnados de sentido e significado, e que, no espaço coletivo, é considerado um momento íntimo, quando o educador e a criança estarão um para o outro em uma relação harmoniosa.

A concepção de bebê como ser competente encontra-se afirmada nos estudos da pediatra húngara Emmi Pickler que, a partir de suas pesquisas, nos mostra o quanto os bebês são competentes e protagonistas de seu desenvolvimento. Os estudos realizados nas últimas décadas também nos mostram uma nova visão do comportamento e desenvolvimento dos bebês. Tais estudos evidenciam um bebê ativo, protagonista de seu desenvolvimento, por meio de suas capacidades.

De acordo com Pedrosa (2009, p. 17),

Há poucas décadas, a criança no primeiro ano de vida era considerada um ser imaturo. Pelo fato de não andar, não correr, não falar, pensava-se que ela não fazia outras coisas. Fazia-se uma generalização inadequada, pois se entendia essa incompletude para todos os outros processos. Enfatizava-se também a comunicação linguística sobre a não verbal, a cognição sobre o afeto e se estudava a criança sozinha em situações de exame, seguindo-se parâmetros de escala de avaliação.

Não se trata de antecipar etapas, mas de pensar que os bebês, já na sua vida intrauterina, são seres ativos. O universo dos bebês é cheio de capacidades e potencialidades. O período de vida de zero a três anos caracteriza-se por transformações rápidas, contínuas e de muitas conquistas.

Ao adulto cabe ter a sensibilidade e a humildade de conhecer sobre este bebê, saber respeitar e conectar-se a este ser que vive intensamente e necessita ser considerado em sua plenitude, reconhecer seu protagonismo e respeitá-lo em sua maturidade física e biológica, seu tempo de ser e estar é um exercício que nós adultos precisamos fazer.

Segundo o relatório de práticas cotidianas na educação infantil (BRASIL, 2009, p. 23),

As crianças pequenas e os bebês são sujeitos que necessitam de atenção, proteção, alimentação, brincadeiras, higiene, afeto. O fato de serem simultaneamente frágeis e potentes em relação ao mundo, de serem biologicamente sociais, os torna reféns da interação, da presença afetiva do outro e principalmente, do investimento afetivo dado pela confiança do outro.

Ao reconhecer os bebês como sujeitos ativos e com potencialidades, se faz necessário reconhecer a necessidade constante do adulto acolhedor, atento às suas necessidades, pois paralelo a concepção de um bebê capaz, há que se pensar em um adulto disponível para o bebê. Ser competente não é sinônimo de ser independente. Neste contexto podemos dizer que o adulto, em relação ao bebê, deverá estar atento às necessidades do mesmo, de maneira a garantir seu bem-estar físico e psicológico e seu desenvolvimento, alicerçado nas ações de cuidar e educar, e nas constantes interações favorecidas por um ambiente acolhedor e repleto de oportunidades.

A educação Infantil evidencia uma etapa extremamente importante para a vida de cada bebê e de cada criança. Esse espaço deve oferecer muitas oportunidades de viver este momento, de interagir, de descobrir, de desvendar,

brincar, aprender, ensinar, se relacionar, enfim, viver as infinitas possibilidades que a infância é capaz de proporcionar. A infância precisa ser vivida no presente!

## 2.2 PENSANDO O COTIDIANO NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

*O cotidiano é onde se aprende a ver a beleza das pequenas coisas.*

*Maria Carmem Silveira Barbosa*

Pensar sobre a vida cotidiana em uma escola de educação infantil é pensar no tempo e no espaço que cada criança e o coletivo que estas vivem desde o momento da chegada até o momento da saída. A jornada que bebês e crianças pequenas vivem em uma creche necessita ser pensada e planejada, levando em consideração as especificidades de cada faixa etária, bem como as singularidades de cada um dos bebês. Nessa perspectiva, Tristão (2011) alerta para que tenhamos um olhar diferenciado em relação aos momentos da rotina, considerando os anseios dos pequenos, necessitando refletir sobre aquelas práticas que concebem que todas as crianças devem seguir o mesmo tempo, no mesmo espaço, as mesmas rotinas, numa lógica que abafa a pluralidade e a diferença.

Na escola de educação infantil, que acolhe e articula relações de cuidar e educar, faz-se necessário pensar em alguns elementos fundamentais para que os bebês e as crianças pequenas possam viver experiências concretas de vida, com sentido e significado. O cotidiano e os momentos rotineiros vividos neste espaço são carregados de sentido e significado para os bebês, cabendo aos adultos compreender tais momentos e não torná-los automatizados.

O documento “Práticas cotidianas na educação infantil: bases para uma reflexão sobre as orientações curriculares” (BRASIL, 2009) contribui de maneira a pensar as ações pedagógicas para crianças de zero a três anos. Segundo este documento,

O principal desafio das escolas de educação infantil é garantir e manter o compromisso com a infância na organização da vida cotidiana, alicerçada na participação democrática e na sustentabilidade – ou seja, preocupar-se em organizar espaços com definição pedagógica pautada em práticas específicas relacionadas ao cuidado com as características das crianças, à

ludicidade, à estética e à ética das relações entre adultos e crianças e entre pares tão importantes nesta fase da vida (BRASIL, 2009, p. 89).

Este documento tem favorecido reflexões a fim de pensarmos uma nova forma de fazer a educação de crianças pequenas. A vida cotidiana não pode ser banalizada, e a garantia de que este espaço/ambiente esteja de fato planejado para as crianças exige pensar na qualidade das ações, relações e interações que podemos possibilitar e estabelecer com os bebês, crianças e famílias. Exige também mudanças por parte dos adultos, que precisam exercitar o olhar para as práticas cotidianas, refletir sobre elas e assim permitir-se enxergar as riquezas que o cotidiano de uma escola infantil pode favorecer aos bebês.

Diariamente são vivenciadas muitas situações que se repetem a cada dia, como os momentos de chegada e saída, alimentação, higiene, entre outros. Cabe nos perguntarmos então como tornar esses momentos e fato como experiências significativas de vida aos bebês e crianças?

Segundo Barbosa (2010, p. 9),

[...] é preciso ter muita atenção aos momentos de vida cotidiana dos bebês, pois nesses momentos que acontecem as primeiras aprendizagens, que as crianças aprendem a cuidar de si e se relacionam com os outros, em geral o adulto, mas também outras crianças, os bebês aprendem a viver a vida e vão construindo sua independência.

A escola infantil necessita estar preparada para acolher os bebês e de fato garantir esta vivência, a vida cotidiana necessita ser pensada em seus mínimos detalhes. Quando pensamos que neste espaço, recebemos bebês de três ou quatro meses de vida, há que se pensar muito sobre este pequeno que está chegando e sobre como iremos organizar os tempos, os espaços, os materiais para recebê-lo e garantir que as suas necessidades e especificidades sejam respeitadas e legitimadas, garantindo a sua cidadania.

A vida cotidiana na escola infantil diferencia-se do espaço de casa, da família, pois é um espaço de vida coletivo, a atenção e o planejamento dos tempos, espaços e materiais são importantes para garantir a qualidade do trabalho, e assim contemplar as necessidades de cada bebê. De acordo com Tristão (2006), apesar da simultaneidade de coisas que acontece em um berçário, onde há diversas crianças com necessidades e anseios específicos, com os bebês existem coisas que acontecem de forma muito lenta e não imediatamente evidentes. Desta forma, a vida

cotidiana dos bebês é marcada por aquisições e conquistas que exige uma práxis que contemple as minúcias, os tempos e ritmos de cada bebê.

Nessa perspectiva, não podemos esquecer as singularidades de cada um dos bebês e para tanto há que se planejar uma jornada que considere todos os momentos do dia. Segundo Barbosa é através das experiências compartilhadas na vida cotidiana que aprendemos muito daquilo que usamos para estar no mundo e conviver com os demais (Barbosa, 2013, p. 128).

A escola infantil é um lugar, um espaço de iniciação à vida comum, as crianças que ali se encontram diariamente com seus pares e adultos que cuidam, educam e pensam a jornada, também torna-se um espaço em que se compartilham coisas simples do cotidiano. Sendo um espaço de vida comum, há que se pensar sobre esta escola para as infâncias e sobre o que este ambiente precisa oferecer às crianças. Fochi e Barbosa (2015, p. 59) escrevem que:

Na organização pedagógica de uma escola de educação infantil, é preciso refletir a partir das crianças e para as crianças, ou seja, compreender que para as crianças pequenas, aprenderem a se deslocar, a comer, a dormir sozinha, a utilizar materiais gráficos, a vestir-se, comunicar seus desejos, a construir torres com blocos de madeira, a separar e classificar materiais, não é necessário conduzi-las através de meras atividades sequenciais, direcionadas e fragmentadas, que apenas preenchem o dia. Na verdade esses exemplos são conquistas que as crianças bem pequenas podem experienciar em um espaço de vida coletiva e, quando compreendidas como aprendizagens, implica um adulto que promova as condições adequadas para que efetivamente ocorram.

No cotidiano as crianças vivem situações reais de vida, e para alguns grupos, como berçário, por exemplo, algumas ações são suas primeiras experiências, são seus primeiros encontros, e para tal necessitam ser pensadas e embasadas, considerando a criança como o centro de todo o processo. Quando tratamos sobre a educação de bebês ainda percebemos que existem práticas que são adultocêntricas, e não consideram a especificidade da faixa etária ou ainda estão respaldadas em uma educação escolarizada, onde o professor é o centro, aquele que ensina e o bebê o aluno, aquele que está aí para aprender. Há que se pensar nas relações colaborativas e emancipatórias em que ambos sejam protagonistas, o adulto também exerce um papel importante neste espaço e no trabalho cotidiano com as crianças e bebês, conforme coloca Martins Filho (2011, p. 36-37):

Não parece ser possível pensar na emancipação das crianças pequenas descentralizando as ações dos adultos ou colocando-os em segundo plano, pois, para que a criança assuma seu papel de ator na sociedade e viva sua condição de cidadã, precisará do apoio, do incentivo, da instrumentalização e da intervenção efetiva do adulto. Todavia, para tanto, é importante problematizar, romper com práticas autoritárias, de regulação e controle que caracterizam, em muitas situações, essas relações.

Paulo Fochi (2015, p. 58) escreve que os espaços onde se configuram as escolas de educação infantil estão atravessados por representações acerca do entendimento sobre a criança, sobre os modos como as escolas e a própria sociedade se organizam para atender *a* e se relacionar *com* este sujeito.

A concepção de bebê/criança está intimamente relacionada às práticas culturais e sociais que encontramos nas propostas curriculares para a educação infantil, e da concepção que os adultos têm sobre a criança. Neste sentido há que se pensar em uma concepção de criança que a considere como protagonista, como sujeito de direitos, alguém que está se constituindo, que aprende através das interações, relações e práticas cotidianas, criança competente, ativa, autora, crítica e produtora de cultura, considerando os processos de suas descobertas e aprendizagens e não o produto final.

Na vida cotidiana se formam as bases, se ensina e se aprende muito, e a todo o momento, desde que tenhamos um olhar atento, sensível e ao mesmo tempo aguçado para as experiências de vida dos pequenos. Sem esse olhar sensível do educador não há como ver a beleza das pequenas coisas proporcionadas no cotidiano, a visibilidade das práticas cotidianas favorece a infância no momento em que ela deixa de ser um tempo de preparação para ser olhada no tempo em si, do agora, do momento presente.

De acordo com Barbosa e Fochi (2015, p. 65),

É na vida cotidiana que as crianças aprendem aquilo que é fundamental para viver, para serem ativas protagonistas da sua vida e do mundo: cuidarem-se, cuidarem dos demais, estarem atentas, calmas, ativas, fazerem escolhas; agirem no mundo, criarem, copiarem, inventarem um estilo de ser. O cotidiano como o lugar do ritual, do repetitivo, do recursivo, mas que escuta o extraordinário que existe no dia a dia.

Em suas pesquisas sobre o cotidiano, Barbosa (2000) observou que a vida coletiva na educação infantil se estrutura no cotidiano a partir de algumas variáveis, como os espaços são organizados e as materialidades disponíveis às crianças, e

que oferecem as possibilidades para as ações das crianças e para estabelecer relações de convívio entre adultos e crianças.

É no cotidiano que muitas relações se estabelecem, que a vida acontece, onde as crianças podem vivenciar coisas simples do dia a dia e que os bebês e crianças pequenas elaboram e criam suas formas de ser e estar neste espaço. É o simples que muito encanta os bebês, não é para o adulto que precisamos elaborar e organizar nossas propostas, nossos tempos e espaços no cotidiano da educação infantil.

O cotidiano da escola infantil possui vários atores, adultos e crianças, famílias e demais funcionários, todos são protagonistas neste espaço e na busca por uma prática que contemple a escola infantil como um espaço de trocas e aprendizagens mútuas, alicerçadas no respeito às crianças e a infância.

### 2.3 ALIMENTAÇÃO DE BEBÊS NO CONTEXTO DA ESCOLA INFANTIL

A vida de cada ser, desde o ventre materno apresenta ligação direta com o alimento. O bebê quando está no ventre materno é nutrido através do cordão umbilical. Com seu nascimento e com o rompimento desta relação o bebê passa a ser alimentado pelo seio de sua progenitora ou então com o uso de outros métodos, como a mamadeira, e gradativamente é apresentado a outros alimentos, de acordo com a cultura do seu meio familiar.

Segundo Mello (2003, p. 56),

Comer é uma atividade que se repete diariamente, com frequência e regularidade, colocando a criança, constantemente, diante de várias opções. Ela mantém uma relação muito estreita, com os alimentos que precisa ser suprida adequadamente para a sustentação e manutenção da saúde, do crescimento e do rápido desenvolvimento que ocorre nos primeiros anos de vida.

Conforme os estudos anteriores, a vida cotidiana na escola infantil é impregnada de sentido. Um dos momentos cotidianos vividos na escola infantil são os momentos de refeições, de alimentação. Os professores e educadores, ao receber os bebês e crianças na escola infantil, organizam suas práticas de acordo

com suas concepções de bebê e de infância e de desenvolvimento infantil. As práticas de alimentação no cotidiano da escola também são influenciadas pelos conhecimentos e pelas culturas dos professores e educadores acerca da alimentação.

Tanto no ambiente escolar quanto familiar, as diversas situações vividas pelos bebês no cotidiano, incluindo os momentos de alimentação, são constitutivas do desenvolvimento infantil. Segundo Piotto, Ferreira e Pantoni (2009) a comida vai adquirindo significado social, ao mesmo tempo em que é uma explosão de formas, sabores, texturas e cores, aos poucos a criança vai sentindo vontade de sentir e explorar os alimentos.

Além da importância nutricional para a criança, a alimentação na escola infantil, vai além da ingestão de alimento, é uma prática social que começa a ser consolidada no seio familiar e na escola, uma vez que a criança está inserida neste meio de convivência. Os seres humanos relacionam-se com os alimentos desde cedo, sendo fonte essencial de vida. De acordo com Mello (2003, p.18):

Devemos levar em conta as dimensões simbólicas que envolvem a alimentação; refletindo e considerando o sentido e o valor que a comida tem para quem come e para quem oferta, em nível individual e social, conjugando os domínios culturais, religiosos, étnicos e psicológicos desta prática. É importante vincular o hábito de comer com o prazer e não só a satisfação das necessidades nutricionais.

Para cada fase da vida a alimentação ganha uma maneira diferente, os bebês quando nascem são, ou deveriam ser amamentados no seio materno, com o passar do tempo outros alimentos vão sendo introduzidos. Considerando a idade do bebê, os alimentos são preparados e pensados para cada fase, até que de fato a criança passa a alimentar-se conforme a dieta da família. Mello (2003), nas observações das práticas na educação infantil, observou que as crianças, ao começarem a comer, expulsam o alimento para fora da boca, o que não significa que ela esteja rejeitando. Quando a criança se alimenta com o auxílio de uma colher, o movimento coordenado da língua é diferente de quando ela suga o seio materno, sendo comum que no início o bebê empurre a comida para fora com sua língua.

Aqui percebemos o quanto os primeiros momentos de alimentação de um bebê são carregados de sentido e de aprendizagens, a cada novo alimento introduzido, conforme sua textura e sabor o bebê está aprendendo a comer, a

degustar. Se o professor não considerar tais aprendizagens este momento passa “despercebido”, sem significado, é preciso tempo, dedicação e compreensão de que comer é uma experiência importante para os bebês e necessita ser pensada com mais atenção no contexto da escola infantil. Conforme Maturana (2010, p. 3), comer também é um ato cognitivo, pois se conhece pelo gosto.

Muitos bebês terão suas primeiras experiências alimentares e a introdução de outros alimentos na creche, uma vez que, conforme a idade e sua maturidade, muitos deles quando chegam alimentam-se ainda exclusivamente do leite materno, o que nos faz pensar na necessidade de garantir uma alimentação que considere de fato a individualidade de cada um, considerando a qualidade destes momentos e dos alimentos a serem ofertados, bem como o direito de garantir o acesso da família na escola para ofertar o leite materno, principalmente para aqueles bebês que ainda não passaram pela transição de uma alimentação exclusiva de aleitamento materno para alimentação mais diversificada.

De acordo com Pernetta (apud Mello, 2003, p. 32),

Cada alimento que é recebido pela primeira vez representa uma nova experiência emocional, cujo resultado depende de várias circunstâncias. A alimentação complementar deve ser instituída de forma lenta e gradual, sem forçar ou insistir, evitando-se o estresse para todos os envolvidos, os atropelos na administração das refeições e possíveis prejuízos de ordem psicológica.

O assunto sobre a alimentação de bebês em espaços coletivos, especificamente na educação infantil, é, no meu ponto de vista, um assunto complexo, porém ainda pouco discutido no âmbito educacional. Há estudos no campo da psicologia e na antropologia que evidenciam a importância desse momento na vida dos sujeitos. Temos acompanhado nos últimos tempos o crescente estudo sobre o aspecto nutricional da comida, da alimentação dos humanos, porém a alimentação não está somente baseada sob o ponto de vista nutricional do corpo mas também conectada a fatores sociais, históricos, familiares, religiosos, regionais, etc.

As experiências vividas nos momentos de alimentação são ricas para os bebês. Seabra e Moura (2005), em seus estudos sobre a alimentação no ambiente da creche como contexto de interação dos bebês, consideraram que durante os momentos em que as crianças são alimentadas, trocas interativas ocorrem e são importantes para que haja um conhecimento mútuo entre adulto e bebê. Os

resultados alcançados na pesquisa mostram que as instituições vêm demonstrando uma preocupação nos momentos de alimentação, aproveitando este contexto como significativo no desenvolvimento da criança, além de suprir as necessidades fisiológicas.

Segundo a antropóloga Maria Leonardo (2009), a relação que o sujeito estabelece com o alimento se desenvolve desde o início de sua vida. A alimentação está vinculada não apenas à nutrição, mas também à troca, ao contato com o outro e à toda relação de amor e carinho estabelecida entre mãe e filho. Através da amamentação, a criança começa a estabelecer essas relações culturais, familiares e emocionais com a comida, o que vai muito além do simples ato de se alimentar (MATURANA, 2010).

Os seres humanos relacionam-se com os alimentos desde muito cedo, os alimentos são fonte essencial de vida, perpassando pelos aspectos culturais e sociais do sujeito. Conforme Maria Leonardo (2009, p. 2),

Comer é mais que ingerir alimento, significa também as relações pessoais, sociais e culturais que estão envolvidas naquele ato. A cultura alimentar está diretamente ligada com a manifestação desta pessoa na sociedade.

O ato de alimentar o bebê e de ser alimentado é fundamental para sua sobrevivência, porém sabemos que não é somente alimento o que o bebê recebe, possibilitado no ato de ser amamentado ou alimentado pelo adulto.

A amamentação é carregada de sentido e significado para o bebê e sua mãe, a escola pode promover este ato no contexto escolar, através da organização de um espaço adequado e da conduta acolhedora para com as famílias que desejam continuar amamentando seus bebês.

A educação de crianças pequenas em espaços coletivos requer a organização de um ambiente adequado às necessidades das crianças, favorecendo o desenvolvimento harmonioso dos bebês/crianças a partir de experiências significativas de vida, em parceria com a família. Nunca podemos perder de vista que para muitas crianças, principalmente com bebês, estão acontecendo suas primeiras experiências de vida, e tornar este espaço acolhedor, garantir que as mães tenham acesso e sejam de fato acolhidas pela equipe da escola para amamentar seus bebês, por exemplo, garante, além de suprir as necessidades

nutritivas, de saúde, a ampliação dos vínculos e a promoção da saúde psíquica aos bebês e suas mães.

Os momentos de alimentação na escola infantil, muitas vezes, são marcados como momentos cansativos, rotineiros, um momento voltado apenas para as necessidades orgânicas de alimentação e nutrição do corpo, ou seja, uma prática sem maiores intenções e muitas vezes sem um olhar pedagógico ou detalhado das oportunidades e das experiências que este momento poderá garantir aos bebês.

De acordo com Fochi (2015), a escola infantil pode se configurar em um espaço-tempo privilegiado para os bebês. Espaço e tempo, duas palavras que ganham força e visibilidade na organização do currículo e práticas pedagógicas cotidianas no trabalho com os bebês, e que nos fazem pensar na escola para as infâncias com espaços e tempos que contemplem as especificidades da faixa etária.

A alimentação na educação infantil, principalmente nos grupos de berçário, é um campo de investigação e estudo que merece destaque no que se refere às práticas cotidianas de educação infantil, pois são momentos impregnados de sentido e significados para os bebês, marcados por questões culturais e sociais. Sendo uma atividade cotidiana no contexto da escola infantil, cabe perguntar: é possível considerar os momentos de alimentação dos bebês como uma prática pedagógica? Como organizar e pensar esses momentos no cotidiano da escola infantil? É possível tornar estes momentos prazerosos e tranquilos? Qual o papel do adulto nestes momentos? E dos bebês?

Tais questionamentos conduzem os estudos, acreditando ser possível dar maior atenção e valor a estes momentos, como momentos de excelência. Somos capazes de fazer diferente, de contemplar a beleza que é sentar à mesa com os amigos para comer, apreciar os sabores, desfrutar de uma boa “conversa”, e viver este momento com prazer, calma, qualidade e intencionalidade. Este estudo pretende apontar algumas reflexões para as práticas cotidianas de alimentação no contexto da escola de educação infantil.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresento os caminhos metodológicos trilhados durante a realização da pesquisa. A metodologia refere-se a uma concepção que coordena um conjunto de estratégias, atividades e procedimentos de ações para dar conta de atender o objetivo de estudo proposto. Apresentarei o referencial teórico metodológico que fundamentou a pesquisa, bem como os instrumentos utilizados para a realização do estudo.

#### 3.1 ORGANIZANDO O CAMINHO

A presente pesquisa de abordagem qualitativa buscou investigar os momentos de alimentação de bebês, no âmbito da escola de educação infantil, a fim de descobrir que elementos da ação pedagógica da professora são considerados no planejamento dos momentos de alimentação em um grupo de berçário. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa, também chamada naturalística, apresenta cinco características básicas, que são:

Na investigação qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados, sendo o investigador o instrumento principal [...]. Os dados coletados na investigação são descritivos [...]. Os investigadores preocupam-se mais com o processo do que com o produto [...]. Os investigadores tendem a analisar os seus dados de forma indutiva [...]. O significado que as pessoas dão as coisas é de importância vital nesta abordagem [...] (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Sendo assim, a pesquisa qualitativa preocupa-se com elementos da realidade sem ser quantificados. Conforme Bogdan e Biklen (1994), esse tipo de abordagem exige a ideia de que nada é trivial, e que tudo tem um potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão esclarecedora do nosso objeto de estudo.

Para tanto, na realização deste estudo, optou-se pelos caminhos da pesquisa qualitativa fazendo uso do estudo de caso, como referencial teórico-metodológico, apresentando como norteador o seguinte questionamento: *Que elementos da ação*

*pedagógica da professora são considerados no planejamento dos momentos de alimentação dos bebês na escola infantil?*

### 3.2 A ESCOLHA DO LOCAL DA PESQUISA E O ACEITE DOS SUJEITOS

Para definir o local da realização da pesquisa, inicialmente estabeleci como critério ser uma instituição pública e que tivesse como característica o atendimento exclusivo em educação infantil. Outro critério diz respeito ao atendimento de crianças na faixa etária de zero a dois anos de idade, visto que a presente pesquisa trata-se sobre a prática pedagógica em grupo de berçário.

Após a escolha da escola, o próximo passo foi fazer contato com a direção da mesma. O primeiro contato com a escola aconteceu por telefone, com a equipe diretiva da escola. Neste caso, a conversa ocorreu com a diretora. Através do contato telefônico agendamos um horário para conversarmos pessoalmente, oportunidade em que apresentei o objetivo da pesquisa, a metodologia de trabalho a ser utilizado, o período em que eu estaria presente na escola, assim como o compromisso ético que assumiria com os sujeitos da investigação. Na oportunidade a diretora aceitou, e com o aceite, o próximo passo foi conversar com a professora responsável pelo grupo do Berçário I da escola, para apresentar-lhes a pesquisa a ser desenvolvida.

Nos mesmos moldes apresentei a proposta de pesquisa para a professora, que deu seu aceite também. Esclareci o comprometimento com a pesquisa e o respeito aos valores éticos que embasam este tipo de trabalho, não sendo mencionados os nomes dos participantes e da escola, preservando sua identidade. Ressalto que esta apresentação prévia foi esclarecedora e fundamental para receber o aceite da escola e da professora para a realização da pesquisa.

O próximo passo foi solicitar o consentimento autorizando a pesquisa. Todos os sujeitos envolvidos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo). No termo, apresento a proposta de pesquisa, bem como o comprometimento ético e legal da mesma, me colocando à disposição para esclarecer qualquer dúvida que os participantes venham a ter.

Assim, a partir dos aceites e consentimentos dos diferentes sujeitos se efetivou o local da pesquisa, embasada no respeito e na opção de cada um dos sujeitos em consentir ou não com a sua participação, evidenciando assim o caráter ético imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa.

### 3.3 O ESTUDO DE CASO

O estudo de caso se constitui em uma estratégia bastante usada nos estudos sobre educação. A escolha por este tipo de abordagem deu-se principalmente pelo fato ser uma investigação imersa no contexto que retrata a realidade vivenciada, possibilitando ao pesquisador viver esta realidade.

Como objetivo geral, procurei analisar os momentos de alimentação dos bebês no cotidiano da escola infantil, contemplando a observação direta desses momentos, utilizando o diário de campo para realizar a escrita das observações, o qual serviu como instrumento de memória para a posterior análise dos registros. Para complementação dos dados realizei uma entrevista com a professora do grupo, que, segundo Lüdke e André (2014), ao lado das observações a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Também realizei a análise do Projeto Político Pedagógico da escola.

Os objetivos específicos que também conduziram o estudo foram: verificar como são planejados os momentos de alimentação para os bebês no cotidiano da escola infantil; como é organizado o espaço para os momentos de alimentação dos bebês; refletir sobre o papel do professor no planejamento e organização dos momentos de alimentação dos bebês no cotidiano da escola infantil e verificar como os momentos de alimentação são contemplados na proposta política pedagógica da escola.

Segundo as autoras Lüdke e André,

Os estudos de caso visam à descoberta. [...] Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto. [...] Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda. [...] Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível dos que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 21).

Para desvendar o questionamento que norteia a pesquisa, inicialmente, na fase exploratória, fiz uma busca sobre pressupostos teóricos e bibliográficos acerca do tema pesquisado, utilizando de livros, artigos e pesquisas na área de abordagem. Nesta fase, um dos questionamentos iniciais partiram dos estudos sobre as especificidades da prática pedagógica com bebês na escola infantil, considerando os momentos de alimentação na rotina cotidiana de uma escola infantil. Um ponto emergente refere-se ao planejamento e organização dos momentos de alimentação dos bebês no contexto coletivo da escola infantil: como a professora planeja os momentos de alimentação? Este momento é considerado como uma prática pedagógica? É possível garantir um atendimento individualizado aos bebês nestes momentos? Os bebês, quando chegam à escola infantil, de acordo com a idade, possuem alguma dieta alimentar restrita? Será que as famílias de alguns já iniciaram a introdução de novos alimentos, enquanto outros talvez estejam recebendo apenas o leite materno? Frente a todas essas questões, que elementos a professora utiliza para organizar os momentos de alimentação dos pequenos?

### 3.4 OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO

A inserção no contexto da pesquisa, e a geração dos dados no estudo realizado, aconteceram através dos seguintes instrumentos:

- Observação;
- Diário de campo;
- Entrevista semiestruturada;
- Análise documental.

#### 3.4.1 Observação

A observação caracteriza-se como um dos instrumentos utilizado para coleta de dados no estudo de caso desenvolvido. Inicialmente, antes de entrar em campo para realizar as observações no contexto da pesquisa, considerei necessário

elaborar um planejamento prévio sobre como eu, no papel de pesquisadora iria direcionar meu olhar, sendo necessário exercitar o mesmo, para que de fato pudesse ser o mais fidedigno possível.

Para favorecer este olhar, elaborei um roteiro de observação (Anexo) a partir de alguns questionamentos que de alguma forma buscavam respostas. Para Lüdke e André (2015), para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação exige um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

O roteiro de observação serviu pra guiar meu o olhar enquanto pesquisadora. Destaco que este momento da pesquisa levou em consideração a flexibilidade deste processo, o que possibilitou estar atenta e aberta ao inesperado no contexto investigado.

A escolha pela observação direta deu-se por apresentar-se adequada à faixa etária pesquisada e aos objetivos do estudo, tendo como foco os momentos de alimentação da rotina do grupo de berçário, considerando também os momentos que antecipam e os momentos posteriores, visto que também se articulam com o momento específico da realização das refeições.

De acordo com Lüdke e André:

A observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que representa uma série de vantagens (LÜDKE; ANDRÉ, 2015, p. 30).

Ao preparar o meu olhar como pesquisadora, parto do princípio de que as ações que se revelam na vida cotidiana de uma escola de educação infantil, que cuida e educa bebês, traz consigo as concepções de criança e infância que se estabelece neste espaço de vida. Assim sendo, procurei embasar meu olhar para as ações pedagógicas da professora com os bebês nos momentos de alimentação, contemplando os tempos, espaços, as relações e interações que são produzidas e vivenciadas neste meio.

As observações foram realizadas nos meses de novembro e dezembro do ano de 2015, no turno da manhã, período em que estava presente a professora responsável pelo grupo, com quem inicialmente acordei a realização da pesquisa, e por considerar de responsabilidade da professora a atribuição na elaboração e

planejamento do cotidiano do grupo de bebês, uma vez que dentro da proposta do município pesquisado, para cada grupo etário há um professor de quatro horas diárias, e no turno inverso do professor há outros profissionais, no caso aqui optei por chamá-los de educadores, visto que também possuem formação pedagógica para atuar com as crianças.

### **3.4.2 Diário de Campo**

O diário de campo se constituiu como outro instrumento importante para registrar as observações realizadas. Optei por este instrumento, pois tais registros servirão para posterior análise e reflexão das observações. Segundo Bogdan e Biklen (1994) este instrumento é utilizado para as notas de campo, e tem como objetivo ser um instrumento em que o investigador vai registrando as notas retiradas das suas observações no campo.

Procurei registrar o máximo possível das ações observadas, além de complementar com as reflexões provocadas pelas observações. A complementação dos registros se deu logo após as observações realizadas *in loco*, por considerar que quanto mais próximo do tempo realizado mais precisas serão as reflexões, assim como mais detalhes poderão ser contemplados.

No decorrer dos registros busquei, na medida do possível, registrar também algumas falas e expressões dos sujeitos envolvidos, por considerar que as mesmas evidenciam concepções imbricadas à prática realizada.

### **3.4.3 Entrevista**

A entrevista representa outro instrumento utilizado para coletar os dados da pesquisa. De acordo com os estudos de Lüdke e André (2015), a entrevista caracteriza-se como um dos instrumentos básicos para a coleta de dados ao lado da observação, sendo também uma das principais técnicas de trabalho em quase todos

os tipos de pesquisa, apresentando grande vantagem sob outras técnicas por permitir a captação imediata da informação desejada.

A realização da entrevista aconteceu após o período de observação da prática na escola. O sujeito da entrevista foi a professora do grupo de Berçário I – optei em não realizar a entrevista com as demais educadoras, visto que, na organização do trabalho pedagógico, a professora é a profissional responsável pelo planejamento da prática pedagógica no grupo.

Para realização da entrevista, inicialmente elaborei um roteiro com perguntas semiestruturadas (Anexo), por acreditar que esta forma apresenta certa liberdade de percurso. Utilizei como auxílio para capturar as informações um aparelho gravador. O roteiro foi elaborado atento às questões que envolvem o tempo, a organização do espaço, o protagonismo dos bebês, as relações entre o professor e os bebês neste momento, as interações, o olhar do professor para os momentos de alimentação dos bebês, as descobertas e experimentações que o momento de alimentação possibilita aos mesmos. Após realizei a transcrição dos dados, momento este bem peculiar, pois ao rever as informações, novas reflexões se apresentam, colaborando para as posteriores análises.

Cabe ressaltar que a professora entrevistada foi informada sobre o objetivo da entrevista, e sobre a utilização do uso de gravador para captação dos dados, esclareci que os mesmos serão utilizados exclusivamente para fins da pesquisa, respeitando o sigilo ético que delinea toda e qualquer pesquisa. Após o aceite da entrevista pela professora, conversamos sobre o melhor dia, horário e lugar para a realização da mesma, visto que necessitaríamos de um espaço reservado, e tempo disponível. Desta forma, optamos por realizar em um local fora do espaço escolar, devido à própria rotina da escola, que é muito dinâmica e poderia interferir na realização da mesma. Escolhemos como ambiente uma cafeteria – ressalto que a escolha por este espaço partiu da professora entrevistada. Também esclareci que no momento da entrevista a professora estivesse à vontade para, quando necessário, realizar pausas e sanar dúvidas referente a alguma pergunta.

Após a entrevista realizada, foi o momento de fazer a transcrição da mesma, atividade esta que necessitou de tempo e dedicação para ouvir e registrar a audição. Juntamente com os demais dados coletados, por outros instrumentos a transcrição da entrevista serviu para complementar as análises realizadas no estudo.

#### 3.4.4 Análise Documental

O Projeto Político Pedagógico configura-se em um documento de extrema importância no âmbito escolar. Neste sentido resolvi analisá-lo, considerando a possibilidade deste documento fornecer mais dados ao estudo realizado.

De acordo com Lüdke e André (2015, p. 45), a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

A análise deste documento foi a última técnica de coleta realizada para o estudo, e teve como objetivo verificar que abordagens o referido documento faz às questões sobre a alimentação na escola. O acesso a este documento foi combinado com a diretora da escola, em horário e dia marcado. As informações coletadas foram registradas em um caderno para complementar as análises. Nesta pesquisa respeito os valores éticos que embasam este tipo de trabalho, não sendo mencionados os nomes dos participantes e da escola, preservando sua identidade. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em um tempo relativamente curto, porém procurei seguir todos os princípios teóricos metodológicos que o estudo exige, garantindo desta forma a qualidade dos dados gerados.

### 3.5 CONTEXTOS DE INVESTIGAÇÃO

Para realizar a pesquisa, inicio com a escolha da escola, optando por desenvolver os estudos em uma escola de educação infantil da rede pública do município de Porto Alegre. Uma escola infantil que atende crianças de zero a cinco anos e 11 meses, filhos de mães e pais trabalhadores que compartilham ações de cuidado e educação neste espaço de educação coletiva.

Destaco que fui muito bem recebida e acolhida pela direção da escola, bem como pela equipe de educadores do grupo de Berçário I. Confesso que senti certa inquietação ao estar com um grupo de bebês como pesquisadora, com um olhar

voltado a pensar, interpretar as observações realizadas e vivenciadas na prática, distanciando do meu olhar como professora. Algumas dúvidas e inquietações antecederam a entrada em campo, fazendo pensar e elaborar um jeito de estar com os bebês e educadoras sem causar-lhes interferência na sua rotina, sem ser invasiva. O vínculo inicial estabelecido com a professora foi importante, pois favoreceu a confiança dos sujeitos e conseqüentemente a naturalização das ações na rotina do grupo. Procurei ser bastante discreta, para que os bebês pudessem ficar tranquilos no seu ambiente.

A geração de dados, na pesquisa desenvolvida se deu através de registros no diário de campo e entrevista com a professora titular do grupo de Berçário I e também a análise do Projeto Político Pedagógico da escola. Nesta pesquisa optei por não utilizar fotografias e filmagens, bem como não identificar e mencionar os nomes das participantes, preservando a identidade dos mesmos.

### **3.5.1 O Grupo de Berçário**

O grupo onde realizei a pesquisa denomina-se Berçário I, é composto por 10 crianças, sendo cinco meninas e cinco meninos na faixa etária de um ano e três meses a um ano e oito meses (idades dos bebês no momento da realização do estudo). As crianças frequentam a escola em turno integral e o funcionamento da escola é de 12 horas ao dia, sendo das 7 horas às 19 horas, de segunda a sexta-feira.

Para o grupo de Berçário I, há um professor de quatro horas, que atua no turno da manhã, um monitor que atua nos turnos manhã e tarde, outro monitor no turno da tarde e uma estagiária de pedagogia no turno da manhã. A professora referência do grupo possui formação em Pedagogia, cursa especialização na área da educação infantil, atua nesta escola há um ano, mas possui experiência na educação infantil, atuando há 14 anos nesta etapa, sendo dois anos em grupos de berçário.

A sala referência do grupo é pequena, porém considero aconchegante; ao entrar na sala, na parede frontal nos deparamos com um espelho amplo, um tatame colorido e emborrachado, pufes coloridos e obstáculos para brincadeiras motoras.

No fundo da sala fica uma estante baixa com duas prateleiras, onde são organizados os brinquedos e demais materiais, também existem ganchos no teto que servem para pendurar móveis e brinquedos para exploração das crianças. Há também cestos e caixas organizadas no chão para armazenar brinquedos, em uma prateleira no alto ficam organizados os colchonetes para o horário do sono. Acoplado ao espaço da sala tem-se a área de higienização, com cuba, chuveiro, onde são realizadas as trocas de fraldas, banhos, higiene das mãos e corpo, etc. Não há mesas e nem cadeiras no espaço, junto à sala existe um solário, uma espécie de área coberta pequena, utilizada pelas crianças diariamente, em diferentes momentos do dia.

### **3.5.2 Breve Caracterização dos Momentos de Alimentação**

Os momentos de alimentação dos bebês do grupo do Berçário I ocorrem no refeitório da escola. Segundo a professora do grupo, “no início do ano os bebês eram alimentados na sala referência, visto que estavam em adaptação e estranhavam as pessoas” (Fonte: entrevista com professora). No período em que realizei a pesquisa, os bebês estavam fazendo todas as suas refeições no refeitório da escola, sendo este espaço dividido por outros grupos etários. Cabe ressaltar que as observações ocorreram também em outros espaços, como sala e solário/pátio, a fim de acompanhar os momentos que antecedem as refeições, bem como os momentos posteriores.

Neste espaço, o ambiente é composto por mesas, cadeiras e um buffet. O refeitório fica próximo à cozinha, onde são preparados os alimentos e refeições do dia. As mesas são compridas, com exceção das mesas do Berçário I, que são duas mesas, mais baixas que as demais, com quatro cadeiras adaptadas, com suporte para apoiar os pés e com braço e outras seis cadeiras comuns.

Os momentos de alimentação são organizados na rotina do grupo, da seguinte forma:

Entre 8h e 8h30min os bebês tomam mamadeira, na sala. Cabe ressaltar que nem todos tomam mamadeira, esta alimentação varia a cada dia, de acordo com a realidade de cada criança.

Às 9h20min (aproximadamente) acontece o lanche no refeitório, exceto no início do ano, quando os bebês estavam em adaptação e realizavam as refeições na própria sala. As crianças se deslocam para o refeitório caminhando e explorando o caminho percorrido, o que é respeitado pelos educadores. Chegando ao refeitório, os bebês sentam-se a mesa, alguns conseguem sentar sozinhos, outros recebem ajuda da educadora. O tempo estimado varia, alguns comem rápido, outros necessitam de um tempo maior. Há uma preocupação em oferecer mais de um tipo de fruta no lanche, a fim de contemplar o gosto e as preferências dos pequenos.

Às 10h40min é a hora do almoço, que também acontece no refeitório, sentam-se à mesa e a cozinheira serve um prato de cada vez, que é alcançado aos bebês por uma das educadoras. O alimento é servido no prato separadamente, de maneira que as crianças possam visualizar os alimentos. Cada bebê recebe uma colher, a maioria come com a própria mão, recebendo ajuda do educador conforme a necessidade observada pelo mesmo, ou quando solicitado pela criança, alguns bebês não gostam de ser ajudados, o que é respeitado. Para não haver disputa pela colher, o educador não solicita a colher da criança, ele tem outra para ajudá-lo. A cozinheira também auxilia nos momentos de alimentação.

Às 14h20min, aproximadamente, os bebês fazem o lanche da tarde, no mesmo esquema do lanche da manhã.

E às 16h20min é servida a janta, última refeição do dia, nos mesmos moldes do almoço.

Diariamente, após cada refeição, uma das educadoras preenche uma planilha, considerando se a criança comeu bem, se a criança repetiu, comeu pouco ou não comeu. Esta planilha com tais informações é afixada no mural que fica no hall de entrada da escola, para que os familiares das crianças possam acompanhar como foi à alimentação da criança no dia. Neste mural também fica exposto o cardápio do dia. Cabe ressaltar que há uma cozinheira responsável pela preparação dos alimentos e refeições dos bebês, visto que o cardápio dos mesmos difere dos demais grupos. No total, os momentos de alimentação dos bebês ocorrem em média quatro a cinco vezes ao dia.

## **4 A ALIMENTAÇÃO DE BEBÊS NA ESCOLA INFANTIL: ALGUMAS ANÁLISES**

Como objetivo principal deste estudo, busquei analisar os momentos de alimentação em um grupo de bebês no contexto coletivo da escola infantil. As observações realizadas foram registradas no diário de campo. Realizei também uma entrevista semiestruturada com a professora referência do grupo de bebês, procurei analisá-los, selecionando episódios que evidenciam elementos da prática pedagógica da professora contemplada no contexto dos momentos de alimentação dos bebês.

Através de um intenso estudo e imersão nos dados da pesquisa, foi possível selecionar as seguintes categorias que serão desenvolvidas neste capítulo: comunicação entre os sujeitos que cuidam e educam os bebês, na tríade família, educadores/funcionários e bebês, o contexto onde ocorre a alimentação (espaços e tempos), a minúcia dos detalhes dos momentos de alimentação e a visibilidade dos bebês no contexto pesquisado.

### **4.1 COMUNICAÇÕES ENTRE OS SUJEITOS QUE CUIDAM E EDUCAM OS BEBÊS: A FAMÍLIA E A ESCOLA**

A comunicação tem papel importante entre os sujeitos que educam e cuidam os bebês, e é destacada no Parecer n. 20/2009, colocando que:

A família constitui o primeiro contexto de educação e cuidado do bebê. Nela ele recebe os cuidados maternos, afetivos e cognitivos necessários ao seu bem estar, e constrói suas primeiras formas de significar o mundo. Quando a criança passa a frequentar a educação infantil, é preciso refletir sobre a especificidade de cada contexto no desenvolvimento da criança e a forma de integrar as ações e projetos educacionais das famílias e das instituições. Essa integração entre escola e família necessita ser mantida e desenvolvida ao longo da permanência da criança na creche e pré-escola, exigência inescapável frente as características das crianças de zero a cinco anos de idade, o que cria a necessidade de diálogo para que as práticas junto às crianças não se fragmentem (BRASIL, 2009, p. 13).

A entrada dos bebês na escola infantil caracteriza-se como um evento primário na vida dos pequenos, e a alimentação ganha destaque na rotina diária de

uma escola, principalmente quando trata-se de bebês que estão, de acordo com a idade, tendo suas primeiras experiências com os alimentos.

Com o ingresso dos bebês na escola Infantil, a alimentação passa do singular (no contexto familiar) para o coletivo (no contexto da escola). Conforme Barbosa (2010, p. 4) ao ingressar numa turma de Berçário, o bebê vai conectar-se com universos familiares bastante diferenciados e ampliar seu universo pessoal. Obviamente, a escola, apesar de seu relacionamento com a comunidade e com as famílias, possui estratégias educativas diferenciadas, pois neste espaço o atendimento às crianças se dá na perspectiva da vida coletiva.

No ambiente da escola a alimentação, e as formas de conceber este momento diferem do ambiente de casa, requerendo um planejamento deste contexto, que é coletivo. Os bebês são atendidos por um número de educadores que necessitam dividir a atenção com os demais. Dentro desta coletividade há que se pensar em estratégias que contemplem também as singularidades dos bebês e suas necessidades, afinal cada um possui um ritmo de desenvolvimento.

Um dos componentes evidenciados na pesquisa mostra o quanto a comunicação estreita entre a família e a escola, e entre os profissionais que atuam na elaboração dos cardápios, preparação dos alimentos, organização do ambiente, torna-se um elemento de grande significado na prática pedagógica cotidiana em um grupo de berçário.

Da mesma forma, os bebês desenvolvem maneiras e meios de se comunicar com seus educadores, evidenciando seus desejos e preferências e suas formas de socializar com os demais este momento de convivência prazerosa e de interação, o que também deve ser considerado.

Os momentos de alimentação na vida de um bebê são carregados de significados, mais do que a satisfação das necessidades de saciar a fome, os bebês vivenciam relações e interações diversas, perpassado pela cultura e a história social de cada um. Muito da cultura e saberes de um povo é transmitido nessa prática social (ROSSETTI FERREIRA, 2008).

Conforme entrevista com a professora responsável pelo grupo de bebês, com a chegada dos bebês no início do ano, faz-se necessário realizar uma conversa minuciosa com as famílias sobre a alimentação dos mesmos. A introdução dos alimentos na dieta dos bebês é gradativa, e precisa levar em consideração as ações que a família vem realizando em casa.

**P:** Quando recebemos os bebês muito pequenos com quatro, seis meses na escola, a gente tem que conversar com as famílias, para saber como é que a alimentação está acontecendo em casa, se a mãe já introduziu frutas, caldinho de feijão, esses alimentos que às vezes não são tão da rotina dos bebês em casa, então a gente precisa conversar para ver como é que as famílias estão introduzindo esses alimentos, para que a gente na escola então comece a oferecer. (Fonte: Entrevista com a professora).

A comunicação com as famílias evidencia que, para organizar a alimentação dos pequenos na Escola, há que saber que tipos de alimentos a família já introduziu, sendo esta uma informação extremamente necessária para agregar ao planejamento do cardápio dos bebês e das formas de oferecer o alimento no âmbito da escola. A introdução dos alimentos complementares na dieta da criança deve ocorrer de forma compartilhada entre escola e família. Segundo a professora pesquisada:

**P:** No início quando eles vêm para a escola, eles tem meses, a gente oferece muito caldinho, a comida amassadinha, a carne desfiada e bem picadinha, os pratos não são iguais de todo mundo, a gente leva em consideração o que as famílias já ofereceram, o que o pediatra já liberou para compor o prato de cada bebê. No caso a gente que vai decidir o que o bebê vai se alimentar ou não... então a gente também tem que ir vendo o que eles gostam. Na primeira entrevista que a gente tem com as famílias no início do ano, a gente pergunta uma série de questões sobre os hábitos dos bebês, comportamentos, soninho, e a alimentação também entra na entrevista, então a gente pede questões assim, mais detalhada: se mamam, se comem frutas, se já comem caldinho de feijão, se os alimentos são triturados ou se são em pedaços, então tudo isso a gente vai perguntando para a família (Fonte: Entrevista com a professora).

Formalmente, a comunicação entre os educadores e as famílias ocorre através da entrevista realizada no início do ano, momento em que estão começando a se estabelecer as primeiras relações entre escola e família. Nesta entrevista os educadores se interessam em saber características da criança, assim como sobre seus hábitos alimentares. No que se refere a alimentação dos pequenos, também utilizam-se de uma prescrição do pediatra sobre os alimentos já liberados para o consumo dos bebês.

Outra forma de comunicação acontece diariamente no horário da chegada da criança pela manhã e no final da tarde quando a família vem buscá-la. A professora preocupa-se também em dar um retorno às famílias sobre o dia a dia dos bebês e

das ações realizadas, quando, por exemplo, realizam a introdução de um alimento novo. O cardápio ofertado a cada dia, e a aceitação dos alimentos pela criança, fica exposto diariamente no mural da escola, no hall de entrada. Esta comunicação ganha caráter de compartilhamentos, de informação e de aprendizagens entre os envolvidos, a partir do momento que a professora retorna às famílias o processo vivenciado pela criança.

**P:** A gente sempre procura comunicar aos pais o que comem, o quanto, se tiveram mais seletivos naquele dia. [...] tem uma tabela, que a gente coloca lá na frente do mural da escola e ali os pais também podem acompanhar se o bebê repetiu, comeu pouco. Então quando as crianças chegam a gente pergunta se mamou, o que comeu, e então tem algumas famílias que dizem: ah, comeu mingau, tomou mamadeira, ou veio tomando mamadeira no caminho, aí a gente não pede mamadeira a gente oferece a frutinha às 9h30min, então a gente conversa sempre com as famílias, por isso a gente tem um cuidado de sempre receber os bebês e entregar os bebês, para gente se comunicar (Fonte: Entrevista com a professora).

Conforme trecho da entrevista, a professora se interessa em informar os pais sobre a alimentação dos bebês, assim como as famílias também informam na chegada as refeições que o bebê já fez no dia, no âmbito familiar. O processo de compartilhamento também possibilita à professora reorganizar e planejar suas ações com os bebês no cotidiano.

Este cuidado narrado pela professora na entrevista, de os bebês serem acolhidos pelos educadores da equipe pela manhã e entregues no final do dia, além de manter um diálogo e a comunicação, é uma maneira de estreitar laços e fortalecer a ação conjunta entre escola e família no desenvolvimento da criança.

A cultura alimentar de cada povo, de cada família, gradativamente é passada para as crianças, proporcionando diferentes experiências. A escolha do alimento e as formas de serem ofertados ao bebê é determinada pela cultura. Na escola também desenvolvem-se outras culturas alimentares e formas de alimentar que passam a fazer parte da vida dos pequenos; isto pode ser notado na fala da professora quando ela diz que:

**P:** Quando a gente realiza a introdução de algum alimento a gente relata para a família, a gente começou a alcançar a colher para eles já terem conhecimento desse objeto, e ter a experiência de comer com a própria mão, porque em casa a criança vai querer ter este hábito, costume e vai ter pais que não vão deixar, mas a criança

na escola já está comendo com a própria mãozinha (Fonte: Entrevista com a professora).

Em algumas culturas, e principalmente na atual conjuntura em que vivemos, permeados pela pressa e a correria do dia a dia, acaba-se evitando deixar o bebê ou a criança explorar o alimento com a própria mão, porque ele vai se sujar, vai fazer bagunça. Conforme Piotto, Ferreira e Pantoni (2009), a comida vai adquirindo significado social, cada vez mais a criança sente vontade de tocar, sentir as formas, sabores e texturas, cheirar, olhar, ou seja, explorar o alimento. Aos poucos a criança vai deixando de ser passiva, tornando-se mais ativa. A alimentação faz parte do processo educativo tanto no ambiente de casa como na escola, sendo assim parte importante no desenvolvimento da criança.

Foco de atenção de pais e professores, a alimentação dos bebês na escola exige uma organização e um diálogo compartilhado entre as famílias e os profissionais que atuam no contexto escolar. Sendo as famílias e os educadores os responsáveis diretos pelo desenvolvimento dos bebês, a comunicação entre ambas as partes, é imprescindível para que haja o compartilhamento da educação e cuidado das crianças, e o bem estar das mesmas.

As grandes experiências sobre a educação infantil são oriundas da Itália, as cozinhas das creches e escola na região de Reggio Emilia são, segundo Madalena Tedeschi (2015), lugares preciosos que qualificam a própria identidade do serviço, capazes de veicularem valores e escolhas e de sustentarem todo projeto pedagógico. A relação estabelecida entre escola e família a partir da dimensão comunicativa na creche abre possibilidades para reflexões sobre como a criança se alimenta e o que ela ingere, confrontando saberes sob os diversos aspectos da alimentação: nutricionais, emocionais, simbólicos, com a intenção de gerar bem estar e consciência também para o futuro.

#### 4.1.1 A Amamentação de Bebês na Escola Infantil

A amamentação é um direito da criança. A escola infantil, que acolhe bebês e suas famílias também tem a responsabilidade em acolher a mãe que deseja amamentar seu filho, apoiando desta forma a amamentação, que tantos benefícios traz ao bebê, tanto no aspecto nutricional ou imunológico, como na prevenção de doenças das mais diversas modalidades, além de fortalecer os vínculos entre mãe e bebê e favorecer a construção de relações beneficiando sua saúde.

Na entrevista, pergunto sobre a amamentação, se há um espaço destinado para as mães que desejarem amamentar seus filhos. A professora então relata o seguinte:

**P:** Na verdade não tem um espaço específico, até tem um espaço lá em baixo, mas como é deslocado, a mãe tem que descer, caminhar muito. A gente oferece que a mãe amamente na escola, no corredor que é um espaço mais reservado, ou na frente mesmo, porque o trânsito de pessoas não é muito grande, a gente dá essas opções ou fica ali na frente no hall de entrada, ou no corredor nos pufes amamentando o bebê (Fonte: Entrevista com a professora).

Analisando o PPP, o mesmo contempla na proposta a participação da escola no projeto Amamentar é Tri, em parceria com a mantenedora da escola (Secretaria Municipal de Educação – SMED), ressaltando a importância do aleitamento materno como a melhor e mais indicada alimentação até os seis meses de idade e após como alimentação complementar até os dois anos. De acordo com o documento, a escola possui uma proposta de alimentação saudável, considerando os momentos de alimentação ideais para o incentivo e a ingestão de alimentos como frutas e verduras desde cedo.

Ao sistema municipal de ensino no município de Porto Alegre, aplicam-se algumas normativas. No que diz respeito às questões de saúde, a Portaria Estadual do estado do Rio Grande do Sul n. 172/2005 estabelece o regulamento técnico para os estabelecimentos de educação infantil no RS, no qual o município de Porto Alegre está submetido, uma vez que não possui norma própria. Esta portaria prevê em seu texto “sala ou área destinada a amamentação, que deve ser dotada de

poltrona, com braço, mesa auxiliar, lavatório e caso necessário um biombo para preservar a privacidade da mãe e do bebê” (Portaria Estadual RS n. 172/2005).

Nas análises configura-se o acolhimento, por parte da escola, para as mães que desejam amamentar seus filhos no espaço escolar, porém fica evidente que a escola carece de um espaço específico e pensado para este fim, com poltrona adequada para a mãe sentar e com tranquilidade amamentar seu bebê. Com certeza a garantia de um espaço planejado e organizado com a finalidade de promover a amamentação na escola estará apoiando ainda mais a amamentação e garantindo assim o direito da mãe e do seu bebê. Percebo que esta poderia ser uma proposta a ser consolidada pela técnica de nutrição, junto a equipe diretiva, equipe de educadores e famílias, fortalecendo na prática o projeto “Amamentar é Tri”, referendado na proposta pedagógica da escola.

#### 4.2 COMUNICAÇÕES ENTRE OS ADULTOS NO CONTEXTO ESCOLAR: OS EDUCADORES E OS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA

Outro ponto a ser analisado refere-se à comunicação entre os profissionais que atuam na escola, e que se envolvem direta ou indiretamente na educação e cuidado das crianças na escola infantil, neste caso os educadores, a cozinheira e a técnica de nutrição da escola, responsáveis pela elaboração do cardápio e preparo dos alimentos.

Compreender a lógica da alimentação dos bebês no espaço coletivo da escola infantil perpassa pelos conhecimentos destes profissionais sobre alimentação infantil, sobre a concepção de bebê/criança que cada um possui, sendo a comunicação entre os setores e funcionários da escola uma aliada para que os bebês sejam de fato atendidos dentro de suas necessidades biológicas e de desenvolvimento. A professora do grupo e as demais educadoras da equipe são referências para as famílias e para as crianças. Os hábitos alimentares das crianças são socializados pela família para a equipe de educadores através da entrevista no início do ano, da liberação do pediatra e no diálogo que ocorre no dia a dia como narrado anteriormente.

Conforme entrevista com a professora, a socialização das informações sobre a dieta alimentar da criança, ao ingressar na escola, é compartilhada com a equipe da cozinha e da nutrição da escola.

**P:** A gente faz uma planilha e uma conversa com a técnica de nutrição, diz como está a orientação do pediatra e da família em relação a cada uma das crianças, a gente também conversa com a cozinheira em conjunto com a técnica de nutrição, daí a cozinheira prepara de acordo com o que está liberado ou não para cada bebê (Fonte: Entrevista com a professora).

O trabalho coletivo entre os diferentes segmentos de funcionários da escola, e a clareza acerca das razões e da importância de se pensar as maneiras de organizar e preparar os alimentos para os bebês, considerando a individualidade e as necessidades de cada um dentro das condições que a escola pode oferecer, são evidenciadas na fala da professora.

Porém, algumas divergências acontecem entre os adultos envolvidos com a alimentação das crianças. Na entrevista, quando pergunto à professora sobre como acontece a relação entre os diferentes setores envolvidos com a alimentação dos pequenos, a mesma relata algumas dificuldades enfrentadas com o setor da cozinha e nutrição da escola, como segue no trecho abaixo:

**P:** No início foi difícil, a técnica em nutrição partia de um princípio que todos os bebês de uma determinada idade teriam que comer de determinado jeito [...] a gente teve duas cozinheiras que passaram antes da atual no berçário e não foi uma coisa fácil, porque a gente explicou para as gurias como é que tinha que ser organizado o prato [...] o próprio “mama” do K. foi um convencimento com a técnica de nutrição porque ela não queria que eu oferecesse o “mama” para o bebê. Foi uma recomendação do pediatra e uma combinação com a família, pois ele precisava ganhar peso (Fonte: Entrevista com a professora).

Na sua fala, a professora acrescenta: “não é uma coisa simples, tem esses momentos de tensão” (Fonte: Entrevista com a professora).

O entendimento da professora está voltado para as especificidades da faixa etária e para as singularidades de cada bebê, parece que os demais profissionais não dispõem deste mesmo olhar sobre os bebês, o que necessitou de um momento de conversa entre os diferentes segmentos, com o foco no bem-estar e saúde do bebê, que naquele momento necessitaria de uma mamadeira em horário diferenciado, visto que estava abaixo do peso ideal.

Conforme observado no cotidiano do grupo, a lógica de organização da rotina alimentar dos bebês prevê que o leite/mamadeira seja oferecida uma vez ao dia, no início da manhã; nos demais momentos, são oferecidas frutas no lanche e os alimentos salgados no almoço e na janta. Segundo Mello (2012, p. 118), para avaliar uma ingestão satisfatória de alimentos, devemos levar em conta as diferenças individuais de cada criança, o momento e o seu estado de saúde. Neste caso envolvia também o estado de saúde desta criança, que necessitava de um “reforço” alimentar na sua dieta.

Mesmo sendo uma orientação do pediatra, a professora precisou argumentar com a responsável pela elaboração do cardápio na escola sobre a necessidade deste bebê. Esta situação evidencia a necessidade de políticas mais efetivas para a primeira infância e de um trabalho em rede entre os diferentes serviços de proteção da criança.

A professora e as demais educadoras do grupo evidenciam nas observações realizadas as suas preocupações também com a forma de oferecer os alimentos, seja na apresentação do prato, ou mesmo no cuidado sobre o tamanho dos alimentos ofertados. Conforme Goldschmied e Jackson (2012, p. 193), “como acontece com todas as mudanças significativas nas experiências de uma creche, sempre haverá dificuldades práticas associadas com uma nova maneira de pensar a alimentação”. Muitas vezes a alimentação é vista como algo dado, sem um olhar mais cauteloso para esta prática no interior da escola.

Na prática pedagógica da professora observo o cuidado e o respeito com que a mesma e as demais educadoras da equipe desempenham as ações e interações com cada um dos bebês, num clima de tranquilidade, harmonia e afeto nos diferentes momentos da rotina. Apesar das divergências entre os funcionários, o olhar pedagógico dado aos momentos de alimentação favorece a colaboração entre os demais profissionais da cozinha e da nutrição. Conforme Goldschmied e Jackson (2006, p. 184), “[...] para as práticas mudarem, as pessoas primeiro têm de se conscientizar de qual hábito as levou a tomar a prática como algo dado e não questionado.”

Entre as educadoras da equipe, em vários momentos observados, percebo que a comunicação entre elas e a cozinheira é um elemento importante nos momentos de alimentação. A cozinheira demonstra desenvolver com afeto as suas atribuições, sendo receptiva e cuidadosa com os bebês e com as educadoras, com

frequência compartilham informações, é acessível e acolhe as solicitações da professora.

No primeiro dia em que eu estava realizando as observações, ao se aproximar do horário do lanche a cozinheira foi até a sala dos bebês, para saber quantos estavam presentes e sobre o local que naquele dia iriam realizar o lanche.

Os bebês estão chegando aos poucos na escola, até o momento chegaram três. São 8h10min aproximadamente, a cozinheira chega na sala cumprimenta os bebês e pergunta quantas mamadeiras serão necessárias preparar. Próximo ao horário do lanche retorna a sala, os bebês estão brincando na sala com uma das educadoras, a professora está trocando a fralda de outro no trocador, a cozinheira chega, dá-lhes bom dia. Alguns bebês percebem sua presença e lhes olham, uns riem, outros a chamam pelo nome, ou tentam, depois de dar uma pequena atenção aos bebês, a cozinheira pergunta, quantos estão presentes e anuncia que o lanche hoje é mamão, manga e laranja. A educadora fala o número de crianças presentes. Os bebês então percebem que a hora do lanche se aproxima (Fonte: Diário de campo).

Sabendo o número de bebês presentes, a cozinheira prepara a quantidade de frutas, de utensílios que serão usados, etc., e as educadoras recebem a informação antecipada sobre o tipo de fruta que será oferecido aos bebês. O cardápio leva em consideração as frutas e alimentos da estação. Assim, ao organizar os bebês para o lanche a professora vai informando antecipadamente sobre os tipos de alimento que receberão, e desta forma vai preparando-os para o momento.

A comunicação entre os diferentes membros da escola que atuam direta ou indiretamente com as crianças parte de uma escuta sensível e atenta. Conforme Barbosa (2006), apesar de cada um realizar atividades diferentes, de acordo com seu cargo ou função, todos precisam se relacionar profissionalmente, com o objetivo principal de ofertar às crianças e suas famílias uma educação de qualidade. É importante que na escola se criem momentos de formação para partilha de dificuldades e resolução de conflitos, para a comunicação, a integração e comemoração dos êxitos.

### 4.3 COMUNICAÇÕES NO COTIDIANO DA ESCOLA INFANTIL: BEBÊS, EDUCADORES E FUNCIONÁRIOS

**P:** [...] quando terminam a gente pergunta se querem mais, aí a gente olha, percebe como são, alguns estão verbalizando, dizendo mais, outros alcançam o prato porque querem mais, se alcançarem o prato com resto de comida e a colher quer dizer que não querem mais, quando empurram o prato também quer dizer que não querem mais, alguns pedem água, outros apontam, então a gente tem que perceber a forma no gesto, na linguagem, seja ela oral ou corporal [...] (Fonte: Entrevista com a professora).

Os bebês e as crianças pequenas possuem jeitos peculiares de se comunicarem com seus pares e com os adultos no dia a dia, o que torna necessário que os profissionais que atuam diretamente com os bebês na escola sejam sensíveis e atentos às diversas formas de comunicação que um bebê poderá estabelecer. Conforme Coutinho (2013), o desafio de estar com os bebês passa principalmente pela comunicação, interpretá-los exige disponibilidade, conhecimento e interesse por parte dos adultos.

Nos momentos de alimentação, interpretar os diferentes gestos, olhares, choros e sorrisos, além de outras formas de expressão e linguagem dos bebês potencializa a comunicação e a compreensão sobre processo vivido, permitindo à professora reorientar suas ações a partir do que a criança está expressando. Para tanto faz-se necessário uma escuta atenta e sensível de todos os sujeitos envolvidos.

Nos momentos de alimentação observados, e na entrevista com a professora, se apresentam cenas de como acontece a comunicação entre os bebês e as educadoras nos momentos de alimentação, e o quanto, de alguma forma, os adultos buscam dar significado as ações dos bebês.

Os bebês estão brincando na sala, por volta de 9h20min, aproximadamente, a professora comunica os bebês falando a eles que está na hora do lanche, convidando-os para guardar os brinquedos para depois ir lanche e diz a eles: hoje a M. disse que vai ter maçã no lanche. As crianças percebem que está na hora do lanche e aos poucos, percebendo a movimentação deixam de brincar e dirigem-se até a porta, uma das educadoras abre e os bebês se deslocam, no caminho alguns vão direto ao refeitório, outros param, espiam as demais salas, sobem nos pufes que estão no corredor (Fonte: Diário de campo).

As formas que os bebês são interpelados sobre os momentos de alimentação variam. A comunicação às vezes acontece através de uma música que antecede este momento, a higiene das mãos antes das refeições também comunicam que a “hora do papá” está se aproximando, assim como a colocação do bibeiro, porém observei que todas as ações são acompanhadas pela conversa da professora e demais educadoras com as crianças, antecipando todas as ações que os bebês irão participar.

Ao questionar a professora na entrevista sobre os referenciais usados para embasar o planejamento dos momentos de refeições, a professora cita utilizar os ensinamentos de Emmi Pickler, conforme segue o trecho da entrevista:

**P:** Esse ano, trabalhando nessa escola, eu conheci a abordagem de Emmi Pickler, e Emmi Pickler tem muito isso, dessa orientação, do diálogo, de conversar com os bebês, de antecipar sempre o que tu tá fazendo, de nomear os momentos da rotina, dos cuidados, então a partir dessa orientação e dessa abordagem dela é que a gente vem utilizando esse jeito (Fonte: Entrevista com a professora).

Conforme Falk (2011), em Lóczy as educadoras falam com a criança pequena, sobretudo nos momentos dos cuidados (troca, alimentação e banho), a educadora se acostuma a essa prática, considera natural informar, inclusive aos bebês, de todas as coisas que o afetam, explica aquilo que faz com eles e o porquê faz.

No momento em que estão no refeitório alimentando-se foi possível observar as várias formas que os bebês utilizam para se comunicar e demonstrar seus desejos e necessidades. As observações, o olhar atento das educadoras e o diálogo constante sem ser invasivo, permeia estes momentos. Alguns bebês mostram que são seletivos e escolhem, por exemplo, o alimento desejado, ou de alguma forma comunicam o desgosto por algum alimento.

É hora da janta, os bebês estão comendo, um dos bebês põe a beterraba na boca e devolve ao prato, a professora percebe que ele não gostou, olha para o bebê e fala: você não gostou da beterraba? Vou colocar aqui no cantinho! Um outro bebê coloca bastante comida na boca, fica com dificuldades para mastigar, a professora ao observar orienta a criança: *calma, come devagar, mastiga, depois tu come mais* (Fonte: Diário de campo).

A maioria dos bebês come com a própria mão, segurando a colher, recebendo ajuda da educadora quando necessário. Muitos utilizam a mão e os dedos para pinçar e pegar os alimentos no prato, o que é tratado com naturalidade pelas educadoras. Constantemente, observei que as educadoras costumam perguntar se a criança quer ajuda para alimentar-se, algumas crianças balançam a cabeça ou então alcançam sua própria colher quando desejam ser auxiliadas, outras não aceitam e de seu próprio jeito conseguem alimentar-se.

Na entrevista a professora traz esta questão, quando questionada sobre como é organizado o momento da alimentação, para dar conta da individualidade dos bebês, neste momento que é também coletivo. Abaixo segue o trecho da entrevista com a professora:

P: Nós somos três educadoras e uma cozinheira que é muito disponível, ela não tem nas suas atribuições ajudar a dar alimentação aos bebês, é uma iniciativa dela, ela senta e ajuda os bebês porque ela gosta dos bebês e se preocupa com os bebês, ela entende que a gente não conseguiria dar esta atenção mais individualizada, então quanto a gente está em quatro, a gente procura então ficar uma com dois bebês, outra com três, para ir atendendo assim, como eles já estão comendo a gente dá uma colher para o bebê e outra para a educadora para que não tenha aquele enfrentamento, aquela disputa pela colher, uma colher para ele ir comendo por si só enquanto a gente tá ajudando o outro. Ele vai dando conta de comer do jeito dele com a mão ou com a própria colher, tem muitos bebês que optam por comer com a mão do que com colher e não querem que ajudem a oferecer com a colher, preferem continuar comendo com a mão, então a gente procura ter este entendimento, e isso faz parte do crescimento dele, do desenvolvimento de cada um, são as preferências deles.

As autoras Goldschmied e Jackson (2006, p. 188) escrevem que:

Em seus primeiros estágios de aquisição de independência na alimentação a criança deve se sentir livre para comer com seus dedos tudo que puder pegar de maneira conveniente, coloca ainda que, quando a criança aceita ajuda no processo de aprender a segurar a colher, é importante que o adulto disponha de uma colher extra, de forma que não haja necessidade de pegar a colher da mão da criança.

Diante disso pode-se salientar o quanto o cuidado dado aos detalhes desta organização dos momentos de alimentação busca contemplar a individualidade do bebê, ao mesmo tempo em que estão em um momento coletivo na vida cotidiana na escola. A ideia de organizar um educador para um certo número de bebês promove um olhar minucioso para as especificidades de cada um, e também para que

possam manter uma comunicação, é melhor que cada educador acompanhe três ou quatro bebês do que todos acompanhando todos. Goldschmied e Jackson (2006) chamam esta maneira de organização de educador referência.

Certamente esta organização detalhada facilita as muitas comunicações entre bebês e educadores. Partindo da ideia de que os bebês comunicam e se expressam das mais diversas formas, como, por exemplo, através do olhar, sorrisos, balbucios, choros, expressões faciais, gestos, etc., no momento em que um educador acompanha um grupo menor de crianças ele terá maiores condições de observar o bebê e as suas maneiras de se comunicar, dando significado às suas ações.

Assim sendo, é importante ter clareza de que as matrizes da comunicação passam pela qualidade das interações estabelecidas entre os sujeitos, evidenciando que os momentos de alimentação são favoráveis para possibilitar e ampliar as mais diversas formas de interação entre os sujeitos que estão envolvidos nesta prática.

#### 4.4 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO / TEMPO NOS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO

O espaço destinado aos momentos de alimentação dos bebês na escola, quando da realização da pesquisa, foi o refeitório, porém ao longo do ano, os bebês do grupo de Berçário I, realizam estes momentos também no espaço da sala referência, principalmente no início do ano, e em alguns momentos no pátio/solário, conforme relatado pela professora na entrevista, quando pergunto sobre os locais em que acontecem as refeições dos bebês.

**P:** No início do ano quando eles eram pequenos a gente dava a alimentação na sala porque estão em processo de adaptação, eles estranham as pessoas, então a gente procurava ficar mais na sala, só que quando eles começaram a caminhar, dois dos bebês, a gente fez uma combinação assim de levar para o refeitório e ver como ia ser, aí observamos que eles não estranhavam, então a gente começou a oferecer no refeitório as refeições, então eles foram, (acho que a partir de maio), eles foram para o refeitório e começaram a participar daquela agitação que tem no refeitório, turma de Berçário II, Maternal I, Jardim B, aí todo mundo passa e conversa com os bebês, claro eles se distraiam, mas às vezes a gente faz as refeições no pátio, se a gente vê que eles estão brincando, envolvidos com alguma atividade a gente não vai tirar eles do pátio. Mas mesmo sendo no pátio a gente costuma chamar eles para sentar,

fazer um momento, a gente vai dando os potinhos com frutas, aí eles vão se organizando desta forma (Fonte: Diário de campo).

A ida dos bebês ao refeitório necessitou ser planejada e problematizada, envolvendo a organização do espaço e do tempo destinado as alimentações neste novo lugar. A professora e sua equipe acreditaram na capacidade dos bebês em ocuparem este espaço de vida coletiva, contemplando aos mesmos outros modos de vivenciarem as práticas de alimentação. Comer no espaço do refeitório com certeza difere de comer na sala referência, são espaços que configuram ambientes diferentes, com cheiros, sabores, cores, sons que promovem outras vivências aos bebês, assim como lanchar no pátio favorece uma agradável experiência, principalmente quando estão brincando, apesar de a professora relatar o cuidado na organização deste momento.

Conforme Gobbato (2013) uma rotina que contempla a ida dos bebês a diferentes espaços é reveladora da aposta dos educadores no que esses espaços têm a oferecer a eles em termos de aprendizagem; por outro, demonstra que há uma aposta nos bebês, pressupondo uma imagem de criança pequena potente.

O documento Parâmetros Básicos de Infraestrutura para as Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006), estabelece que o espaço físico do refeitório deve:

[...] o refeitório deve [...] possibilitar a socialização e autonomia das crianças. Recomenda-se que seja articulado com a cozinha, contando com mobiliário móvel, que viabilize diferentes organizações do ambiente. Deve seguir o dimensionamento de 1 m por usuário e capacidade mínima de 1/3 do maior turno uma vez que não é necessário, nem recomendável que todas as crianças façam as refeições ao mesmo tempo (BRASIL, 2006, p. 22).

Nas análises realizadas, os bebês utilizam o refeitório em média quatro vezes ao dia para realizar as refeições, sendo duas para lanchar, uma para almoçar e uma para jantar. O refeitório caracteriza-se como um espaço de vida coletiva, vários momentos do dia ocorrem neste lugar, possibilitando o encontro com outras crianças e adultos de outros grupos.

O refeitório está centralizado no espaço da escola, servindo de passagem para a sala do grupo de Berçário II e ao acesso a parte inferior da escola, possui paredes claras, é bem higienizado, com boa iluminação, apesar de pequeno acomoda quatro

mesas retangulares com aproximadamente 12 cadeiras cada e mais as duas mesas quadradas para os bebês, além buffet e do bebedouro.

Junto ao refeitório, fica a cozinha, espaço restrito aos funcionários que, devidamente equipados com roupas, calçados e toucas, preparam os alimentos e cuidam da higienização da cozinha e do refeitório. O espaço destinado aos bebês no refeitório é visível, pois caracteriza-se pela diferença dos mobiliários e utensílios, fica logo na entrada. Possui duas mesas quadradas, e mais baixas que as demais. As cadeiras são de dois tipos, quatro cadeiras foram adaptadas e são de uma altura adequada aos bebês, possuem apoio para o braço e para os pés, os bebês conseguem subir e descer com mais autonomia, as outras cadeiras são comuns, como as demais cadeiras do refeitório e percebe-se que não são adequadas ao tamanho dos bebês. As cadeiras adaptadas são utilizadas pelos bebês menores, seleção esta realizada pelas educadoras a fim de contemplar o bem estar (Fonte: Diário de campo).

Conforme entrevista com a professora, ao longo do ano o espaço destinado a alimentação dos bebês no refeitório passou por configurações diferentes:

**P:** No início do ano dava a comida nos cadeirões e agora do meio ano prá cá estão comendo nas mesas e cadeiras baixinhas, então isto também é uma combinação nossa com a nossa cozinheira. Então quando a nossa cozinheira não vem aconteceu aquilo que tu viu aquele dia lá na escola, as gurias (funcionárias da cozinha) tem que limpar o refeitório e não sei se elas acham que dá trabalho, ou se a circulação fica difícil, elas colocam as cadeiras todas para um canto e as mesas todas para um canto, aí quando a nossa cozinheira não está a gente tem que organizar as mesas e as cadeiras, os bebês. A gente conversou com ela e combinamos, e isso é uma coisa que facilita muito para os bebês e para nós também, porque daí são duas mesinhas eles chegam e vão sentando, se organizando, por mais que a gente tenha que ajudar eles a sentarem nas cadeirinhas, eles já vão se organizando, porque eles já sabem onde tem que ir, claro sempre tem um que quer fugir, para as mesas, no bebedouro, outro que vai mexer em outra coisa que lhe chama atenção no refeitório, mas eles já sabem como tem que se organizar para o almoço mas isso também é uma ajuda da cozinheira, se não fosse a ajuda dela isso não aconteceria (Fonte: Entrevista com professora).

O espaço dos bebês no refeitório foi ao longo do ano, necessitando ser remodelado de acordo com as especificidades das crianças. No início do ano, quando os bebês começaram a frequentar o refeitório, também faziam parte deste espaço os cadeirões de alimentação, evidenciando que estar neste espaço não impede que o mesmo seja organizado de acordo com as especificidades da faixa etária, as mudanças e as conquistas que ocorrem em cada bebê, ao longo do seu primeiro e segundo ano de vida, faz com que as educadoras em sua prática pedagógica tenham um olhar atento às demandas dos bebês, sendo necessário reprogramar e transformar o espaço constantemente, considerando tais mudanças,

assim como possibilitando novas experiências e ampliando as conquistas por parte dos bebês.

Nas análises, apesar da visibilidade física do mobiliário diferenciado no espaço destinado aos bebês, evidencia-se também certa invisibilidade, pois nem sempre o mobiliário está pronto e organizado para a presença dos bebês, e parecem ser deixados de lado no contexto deste espaço. Percebe-se que os modos como são compreendidos os momentos de alimentação dos bebês na escola difere entre os diferentes sujeitos envolvidos, carecendo de reflexões mais profundas sobre esta prática cotidiana, por parte do coletivo da escola.

Segundo Barbosa (2010), sendo a alimentação uma prática cultural repleta de simbolismo, a forma como se organizam as cadeiras, o lugar onde se come, os instrumentos que se usam para comer, o modo como se inicia e se finaliza a alimentação diz respeito à formação social e cultural.

O próprio mobiliário destinado aos bebês foram adaptados ao máximo para que contemplasse a especificidade da faixa etária. Nas observações ficou evidente a necessidade de mais uma mesa, visto que para cada uma das mesas o ideal seria comportar quatro bebês, o que não acontece, pois no total são 10 no grupo, mais as educadoras que precisam estar junto aos bebês auxiliando neste momento. Quando estão todos, apesar de buscar acomodá-los da melhor maneira, a presença de mais uma mesa seria ideal para organizar as crianças em grupos menores e então com isso contemplar um arranjo em subgrupos de bebês, contemplando um educador referência para esses momentos (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006).

O sistema de educador referência, segundo as autoras Goldschmied e Jackson (2006) é um arranjo que pode ser organizado para atender as crianças nos momentos de alimentação, criando assim uma “ilha de intimidade” e um conhecimento mais íntimo de cada bebê, além de conseguir dar atenção especial, auxiliando-os nestes momentos, e favorecer o exercício da autonomia dos bebês, observando seus gestos, interações e preferências alimentares.

Em Loczy, o trabalho desenvolvido por Emmi Pickler, trás esta referência de atenção dada a criança principalmente nesses momentos de cuidados como nos momentos de alimentação, higiene e sono, sendo o educador orientado a realizar cada gesto com intencionalidade, garantindo assim a qualidade do vínculo e das relações entre adulto e criança. De acordo com Falk (2011) as educadoras em Loczy falam com a criança pequena principalmente nos momentos de cuidado (higiene,

alimentação, sono). Nestes momentos, a partir de conversas constantes do educador com o bebê, eles percebem que há momentos no decorrer do dia, que a educadora cuida especialmente dele. Nesta lógica de atenção, as crianças procuram a educadora com o olhar, e com outras formas de expressão e solicitam atenção da educadora com a qual estabeleceu uma relação pessoal mais estreita estabelecida nos momentos de cuidados.

Os dados que referendam as análises demonstram que as relações vivenciadas pelos bebês no espaço do refeitório também são permeadas pelo tempo. Os momentos de alimentação são estipulados em horários fixados que organizam a rotina da escola, os bebês são os primeiros a receberem as alimentações, para tanto, como existe um horário para a alimentação, a professora também precisa considerar a organização do tempo que antecede estes momentos. Desta forma ao aproximar-se do horário das refeições do grupo, é necessário fazer a higiene das mãos, então o tempo é calculado para que todos, antes de dirigirem-se ao refeitório, tenham suas mãos higienizadas.

O deslocamento dos bebês da sala, até o refeitório também é permeado pelo tempo, é um trajeto curto, porém são em torno de quatro vezes ao dia que os bebês se deslocam para o refeitório. Nas análises observou-se que o deslocamento se constitui em um espaço/tempo de exploração, de descoberta, de interação, de relação vivenciada no caminho percorrido, em cada uma das vezes que os bebês percorrem este espaço.

Os bebês se deslocam caminhando, com o olhar e o toque das mãos buscam saciar a curiosidade e explorar as sensações vividas no caminho. Em um momento de deslocamento, um dos bebês toca com a mão na parede porosa do pátio, explora, a educadora que o acompanha, calmamente observa, percebe a ação do bebê e permite que o mesmo sinta a textura, talvez para ele a primeira vez que tenha sentido tal sensação. Após o bebê retirar a mão, ela convida para ir ao refeitório, ele mais uma vez toca sua mão na parede, a educadora aguarda e depois ele vai em direção ao refeitório (Fonte: Diário de campo).

Uma cena simples, mas que retrata o respeito com que a educadora acolheu a ação do bebê, sem apressá-lo, permitindo que o mesmo vivenciasse aquele momento que era somente dele. O importante não é só a criança no instante de suas descobertas e aprendizagens, mas também o adulto solidário, tocado em sua

sensibilidade e poder de maravilhar-se com este momento inaugural de relações físicas, sociais, culturais, afetivas, éticas e estéticas (BRASIL, 2009).

A organização do trabalho na educação infantil, nos momentos de alimentação, perpassam também pelo tempo. O tempo nos dias atuais, é muitas vezes imposto pelo sistema capitalista que em nossa sociedade vivemos. De acordo com Barbosa (2013, p. 217),

[...] um modo de romper com esta temporalidade capitalista é refletir acerca de outras acepções de tempo: como aquelas pensadas pelos gregos, que, além de *cronos* – o tempo sucessivo do presente, passado e futuro, compreendiam o tempo também como *kairós*, isto é, o instante, o momento crítico, a oportunidade, que é preciso marcar, ou ainda o tempo como *aión*, isto é, intensidade e duração.

Dar outros sentidos para o tempo na vida cotidiana é urgente, estamos deixando muitas coisas da vida passar em branco ou aceleramos sem perceber o encanto que as coisas simples do dia a dia proporcionam. No espaço coletivo é fundamental que possamos respeitar o tempo dos bebês, que é completamente diferente do tempo dos adultos e específico para cada um.

Nas análises percebo que o tempo dos bebês também são considerados dentro do possível, com relação ao ato de alimentar-se e/ou ser alimentado. Para isso a professora, na entrevista relata que nem sempre é possível, e que alguns fatores influenciam na possibilidade de contemplar o tempo de cada bebê, sendo que o número de educadores exerce influência direta para poder contemplar e respeitar o tempo de cada um dos bebês.

**P:** O número de educadores é uma coisa que influencia, se nós fossemos duas educadoras a gente não conseguiria fazer este processo de uma ficar na mesa, enquanto outra leva para sala, então com certeza a quantidade de pessoas envolvidas nisso, e daí a gente também conta com a cozinheira porque daí nós acabamos sendo em quatro pessoas para atender os bebês, não fosse isso não teria como viabilizar, de esperar de aguardar aí talvez todos teriam que ficar esperando, isso geraria uma ansiedade neles quando eles vão ficando maiores eles não querem ficar sentados esperando, eles querem levantar (Fonte: Entrevista com a professora).

No contexto do grupo pesquisado observei que na medida do possível, busca-se respeitar o tempo de cada bebê, e parceria da cozinheira é fundamental para isto. Em algumas situações, enquanto alguns bebês que já haviam terminado de se

alimentar, começam a sair da mesa são acompanhados pela educadora e aqueles que ainda não acabaram possam com calma terminar de se alimentar, estando nesse momento sob o olhar e o cuidado da cozinheira. O vínculo que ela possui com os bebês favorece este tipo de organização, contemplada pela professora nos momentos de alimentação dos bebês. As análises mostram que o tempo de cada um difere também em relação a forma como os alimentos lhes são apresentados, enquanto para uns o alimento necessita ser amassado, para outros já podem ser ofertados em pedaços, necessitando que o cardápio, apesar de ser igual para todos no que diz respeito ao tipo de alimento, necessita ser preparado conforme as características de maturidade e condições do bebê.

Os momentos de alimentação também favorecem relacionamentos entre os bebês, bem como os bebês com os adultos, com os alimentos e utensílios, inventam brincadeiras e brincam, como por exemplo, um dos bebês começa a bater com a cumbuca de inox na mesa, que produz um som, bate mais forte e de repente todos os outros bebês estão fazendo o mesmo gesto, batendo e rindo, com olhares uns para os outros. As educadoras não interpelam este momento, o que percebo é uma postura de acolhimento, e de compreensão das educadoras pela exploração e interação que os bebês estavam fazendo. Segundo Carvalho, Pedrosa e Rosseti Ferreira (2012, p. 215), a imitação é um componente fundamental dos processos interacionais, ao imitar, é como se a criança dissesse: “estou com você, estamos conversando e eu estou gostando disso”. E foi realmente isso que ocorreu, a imitação do gesto propiciou trocas de olhares, sorrisos e interação entre os bebês.

Experiências de interação com outras crianças também são vividas neste espaço, as crianças maiores que também usam este espaço, com frequência se aproximam dos bebês, conversam, interagem, como em uma cena em que o irmão mais velho de um dos bebês, ao chegar ao refeitório vai até o espaço onde os bebês estão e conversa com o irmãozinho, lhe dá um beijo, faz um carinho. No deslocamento do refeitório para a sala crianças dos grupos maiores auxiliam os bebês, conduzindo-os até a sua sala, às vezes interpelados pela solicitação do adulto e em outras por conta própria. De acordo com Gobbato, o refeitório torna-se um espaço, que na cultura escolar permite os bebês e crianças pequenas encontrarem-se, mas ao mesmo tempo prima-se pelos (des) encontros entre as crianças, de acordo com a segregação de idades que pauta o modo de organizar-se a instituição escolar (GOBBATTO, 2013).

Esta forma de organização faz com que irmãos que frequentam a mesma escola, não se encontram durante o dia. Neste caso o refeitório tornou-se um momento de encontro entre os irmãos, além disso, a ação do menino mais velho também propiciou a ação de seus colegas em relacionar-se com os bebês, seja auxiliando-os nos momentos de retornarem para a sala, ou mesmo quando se aproximam dos bebês e dirigem olhares, conversam, tocando-lhes, abraçam e beijam os pequenos, evidenciando seu carinho e afeto.

Nota-se que a professora e demais educadoras contemplam o espaço do refeitório como um espaço de possibilidades para viver diferentes experiências e interações, e não só como um espaço destinado para atender as questões nutricionais e de alimentação, permitindo tais possibilidades de relacionamentos.

Uma outra cena, das análises realizadas, mostra a ação dos bebês neste espaço, com relação aos objetos que compõe o ambiente.

Uma das meninas do grupo de bebês, após acabar de comer, no retorno para a sala, vai até o dispersor de papel toalha, que está fixado na parede, pega uma ou mais folhas e passa em sua boca, para limpá-la, e depois coloca na lixeira (Fonte: Diário de campo).

Foi mais de uma vez que observei esta cena, que também foi narrada pela professora, como sendo uma prática diária desta criança. A professora narra também que a mãe desta menina trabalha em um restaurante e que este seu gesto talvez seja influência das vivências que a bebê tenha no contexto familiar. É uma cena que diz muito da capacidade que os bebês têm de aprender nas ações cotidianas em seus contextos de vida social, para algumas culturas o uso de guardanapo é parte integrante dos momentos de alimentação. A escola também pode ser um momento de fomentar as diferenças culturais e modos de viver as experiências nos momentos de alimentação.

Assim como os demais espaços da escola, o espaço do refeitório também deve ser pensado e estruturado para favorecer a autonomia e as interações das crianças. O refeitório também pode ser um espaço para viver diferentes culturas alimentares, interações entre as crianças e seus pares e as crianças e os adultos, basta que o mesmo seja planejado e organizado de tal forma que considere a criança como protagonista deste momento também.

Em regiões da Itália, como Reggio Emilia, Florença, San Miniato, as propostas para os momentos de alimentação, que envolvem desde a disposição dos mobiliários, buscam favorecer um espaço em que os bebês e as crianças sejam protagonistas e exerçam sua autonomia.

A estética do espaço também é pensada, as mesas são organizadas com toalhas e pratos de louça, os bebês e crianças servem seus próprios pratos e sua água, como relata Coutinho (2013), ao realizar seu estágio de doutorado em instituições de zero a três anos na rede pública de Florença na Itália. Segundo a autora, ao observar as práticas pedagógicas com os bebês, deparou-se cotidianamente com a disposição de uma bela mesa para a refeição: com toalha, pratos de louça, talheres, travessas com alimentos e uma pequena jarra com água; a organização mostrava o interesse em aprender a manusear ferramentas culturalmente utilizadas nas refeições como a jarra de água, que continha uma quantidade mínima do líquido, repostado com frequência pelo educador, contemplando assim as capacidades da criança, proporcionando uma imagem positiva de si mesmo, observadas em suas feições nos momentos em que se serviam (COUTINHO, 2013).

No Brasil, apesar dos estudos recentes que abordam as questões em torno da organização dos espaços e tempos destinados à educação infantil, há uma carência de estudos e de reflexões que contemplem os espaços, tempos e relações vivenciados no refeitório e durante os momentos de alimentação destinados às crianças pequenas e aos bebês.

Os estudos tratam mais especificamente sobre alimentação na escola infantil, abordando mais as questões nutricionais, que também são importantes, mas há que se pensar também em relação à organização e às práticas que acontecem neste espaço, habitado por crianças, adultos e demais profissionais, e que na maioria das vezes caracteriza-se como um momento centralizado na rotina diária de uma instituição de educação infantil.

Na maioria das vezes, os refeitórios e cozinhas das escolas infantis brasileiras caracterizam-se em espaços que são cuidadosamente higienizados, neutralizados, contemplando uma assepsia, que muitas vezes se assemelha aos refeitórios de empresas e hospitais, o que os torna frios, sem vida e pouco acolhedores. É preciso refletir sobre os espaços, a estética do ambiente, e as práticas de alimentação na

escola infantil para pensarmos em um contexto mais acolhedor, agradável, favorecedor de encontros e experiências significativas aos bebês e crianças.

Mais uma vez cito as experiências da Itália, pois favorecem reflexões e olhares diferentes aos que estamos acostumados. No livro *As Linguagens da Comida*, a autora compara o espaço visível da cozinha com a metáfora de acolhimento, com paredes transparentes, iluminada e bem cuidada, tornando visível o processo cotidiano de cuidado na preparação dos almoços e dos lanches para as crianças e adultos (TEDESCHI, 2015). A mesma autora coloca que: as cozinhas são consideradas laboratórios abertos e acolhedores, capazes de acolher os projetos especiais das crianças e dos adultos, os momentos de festas e as desambientações de um almoço no jardim, as noites úteis para resolver conflitos e estreitar novas alianças com as famílias (TEDESCHI, 2015). Ou seja, a escola pode tornar os espaços do refeitório e cozinha como um espaço para compartilhar saberes e sabores, estendendo-os para as famílias também.

Os bebês e crianças pequenas, ao ingressarem na escola de educação infantil, trazem consigo uma bagagem cultural de suas famílias e de sua comunidade, desde muito pequenas as crianças e bebês se apropriam de significados sociais e culturais que determinam seu jeito de ser e sua especificidade. O convívio neste novo espaço de vida coletiva amplia, compondo uma nova configuração, os momentos de alimentação também são enriquecidos com novas experiências e culturas alimentares, que diferem do contexto familiar. Desta forma o espaço da cozinha e refeitório também poderá ser utilizado como momentos pedagógicos e de atividades culinárias, extensivas às famílias também.

#### 4.5 AÇÃO PEDAGÓGICA DA PROFESSORA NOS MOMENTOS DE ALIMENTAÇÃO: ATENÇÃO AOS DETALHES

Partindo dos dados analisados, chamei de atenção aos detalhes para tratar sobre as minúcias que a professora contempla em sua prática, ao longo do ano, no que se refere aos momentos de alimentação dos bebês no cotidiano da escola infantil. As análises mostram que a professora procura considerar em sua prática o

planejamento dos momentos de alimentação, contextualizando com as especificidade dos bebês, de acordo com as necessidades dos pequenos.

A professora e as educadoras envolvem-se muito com os bebês nos momentos de alimentação, seu olhar necessita voltar-se para o individual e para o coletivo, a conversa e a comunicação constante com os bebês e demais educadores e funcionários da escola, mostra o quanto o olhar atento e a escuta sensível permeia a sua prática, no sentido de torná-la visível proporcionando um caminho reflexivo e promissor para as minúcias da vida cotidiana, nos momentos de alimentação, tornando significativo os pequenos gestos e ações dos bebês nestes momentos.

As observações atentas da professora frente às situações vividas nos momentos de alimentação dos bebês, envolve o cuidar e o educar e promovem reflexões constantes que sustentam e embasam em sua prática um olhar detalhado para as experiências dos bebês, bem como para os imprevistos que ocorrem nestes momentos. Nem sempre os bebês aceitam o alimento do cardápio, ou a alteração na forma de oferecer, como, por exemplo, quando a professora ofereceu uma fruta (banana) com a casca para que eles pudessem visualizar a fruta inteira e descascar, um dos bebês estranhou e a professora necessitou repensar a forma de oferecer a fruta para esse bebê, conforme segue abaixo o trecho da entrevista da professora:

**P:** O V. chorou, chorou porque ele não queria a banana inteira, brigou, daí a gente cortou, e para os outros a gente tá dando inteira, e pro V. a gente corta em pedacinhos (Fonte: Entrevista com a professora).

A situação narrada mostra a necessidade da criança em ser atendida de outra maneira, como estava acostumada. A intenção da professora seria de que os bebês tivessem a experiência de descascar a fruta, conhecê-la como ela é, porém para um dos bebês esta maneira de receber a fruta não lhe agradou, a professora atenta percebeu a necessidade do bebê, ou seja, para este bebê a fruta necessitaria ser oferecida como antes, em pedaços cortados e no pote.

As exigências minuciosas neste contexto, demonstra o quanto é complexo para um bebê, por exemplo, alimentar-se com a própria mão, manusear talheres, ou experimentar um alimento novo, ou uma forma diferente de receber o alimento. A percepção da professora sobre a necessidade deste bebê mostra o quanto a consideração de um simples detalhe faz a diferença ao bem-estar da criança, não deixando cair na naturalização os momentos de alimentação.

Nas análises também foi possível perceber que, ao longo do ano, as práticas de alimentação com os bebês são permeadas por mudanças constantes, que evidenciam a necessidade de uma organização cotidiana dos momentos de alimentação, atento aos detalhes que permeiam essa prática.

Os dados oriundos das análises evidenciam que inicialmente há que se *pensar individualmente, sobre cada um dos bebês*, sobre os alimentos que cada bebê já possui condições de comer ou experimentar. A *forma de preparo* também se caracteriza como um elemento que necessita ser considerado, é preciso pensar se o alimento necessita ser amassado, picado, em pedaços, e aos poucos realizar esta transição, o *espaço* onde os bebês realizam as refeições também sofrem alterações, inicialmente na sala referência, no colo, depois no espaço coletivo do refeitório, na cadeirinha de alimentação e posterior os bebês começam a sentar-se à mesa. O *tempo* dedicado aos momentos coletivos de alimentação, e para cada bebê é outro aspecto contemplado pela professora nestes momentos. Tempo que envolve deslocar-se pelo espaço, olhar, tocar, descobrir, admirar-se, negar, experimentar, e explorar.

No início o adulto é quem alimenta o bebê, depois, conforme a capacidade, cada bebê aos poucos começa a exercitar sua autonomia e comer com a própria mão, a que se pensar também o tamanho da colher, a quantidade de alimento e a forma de organizar no prato. Muitas mudanças ocorrem cotidianamente nos momentos de alimentação, quando encarados como uma prática cotidiana que necessita ser pensada e planejada. As mudanças são simples, porém agregam detalhes que são importantes para os bebês, e portanto necessitam ser considerados pelos adultos que organizam os contextos de alimentação para os pequenos.

Os momentos de alimentação na escola infantil, vai além do simples ato de nutrir o corpo, é uma atividade cotidiana que possibilita experiências de vida para os pequenos, de convivência, de interação e de muitas aprendizagens, o que requer um planejamento atento às necessidades de cada bebê, os detalhes desta prática são importantes no planejamento deste contexto e na efetivação de uma prática que de fato considere os bebês em suas especificidades e suas reais necessidades.

Um exemplo, da importância de pensar nos detalhes, é narrado pela professora ao responder sobre como é a rotina de alimentação dos bebês na escola. Na sua fala a professora traz em sua narrativa o quanto a forma de oferecer os

alimentos vai modificando ao longo do ano, de acordo com as capacidades e condições de cada bebê, os detalhes sobre como oferecer a fruta, se amassado ou em pequenos pedaços, demonstra que, ao longo do ano, há que se pensar e refletir sobre esses pequenos detalhes, não deixando cair na naturalização deste processo.

**P:** Inicialmente, no início do ano a frutinha era bem amassadinha, todas elas amassadinhas, daí a gente começou a introduzir os pedacinhos, espécie de palitinhos, cortava em palitinhos, daí a criança comia desta forma, depois os pedaços foram aumentando e agora a gente tá começando a oferecer até a fruta inteira, claro que por exemplo, a gente dá uma maçã inteira para eles mexerem, não que tu vai dar uma fruta inteira, se bem que já aconteceu de um deles pegar a fruta e abocanharem, a gente tem dado a banana inteira, daí eles descascam até o fim e tiram aquela parte preta para comer, e a gente se preocupa aí a gente tem que tirar, e não tem alguns que tiram a partezinha preta, o D. é um, o T. também, só que tem um bebê que não aceitou de jeito nenhum a banana inteira. O V. chorou, chorou porque ele não queria a banana inteira, brigou, daí a gente cortou, e para os outros a gente tá dando inteira, e pro V. a gente corta em pedacinhos.

O olhar atento da professora, para as experiências que os bebês estão vivenciando nos momentos de refeição, mostra as intencionalidades destes momentos como favorecedor de aprendizagens para os pequenos. Permitir que o processo ocorra com calma favorece as condições necessárias aos bebês em aprender a comer um alimento, inicialmente o bebê apenas suga os alimentos, gradativamente irá aprender a mastigar, aprendizado que acontece devagar, de acordo com o alimento oferecido (Luciana Alvarez, 2014). O conhecimento sobre os processos maturacionais de um bebê também precisam ser considerados ao planejar as ações e as formas de oferecer os alimentos aos bebês.

A narrativa da professora mostra uma situação da vida cotidiana, que se dá nos momentos de alimentação, nos provocando a pensar sobre a docência com bebês, e o quanto esta prática perpassa pelas minúcias da vida cotidiana, o que muitas vezes é desconsiderado nas práticas com os bebês, principalmente quando se trata de ações que ocorrem repetidamente, como nos momentos rotineiros de alimentação.

Neste aspecto, o que a professora desenvolveu foi um olhar atento a forma de como ofertar os alimentos, pensando no protagonismo dos bebês, nas suas capacidades. Nas análises também pode-se perceber a sensibilidade da professora e demais educadoras, que em suas ações e relações envolvem-se com os bebês

nos momentos, respeitando os modos de ser dos mesmos e de experienciar tais momentos.

As relações se consolidam neste espaço, permeadas pelo respeito e delicadeza com que a professora se relaciona e intervém com os bebês, atenta às manifestações dos mesmos, é essencial para que a criança tenha prazer em alimentar-se, de acordo com seu apetite, descobrindo os sabores dos alimentos, bem como a satisfação de sua saciedade.

Neste sentido o documento *Práticas cotidianas na Educação Infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares* (BRASIL, 2009) traz contribuições importantes ao enfatizar a participação das crianças nas práticas cotidianas dos processos educacionais.

Muitas vezes, nas práticas diárias das escolas, não se concede a importância que merecem os momentos rotineiros, os momentos de alimentação acabam sendo vividos com muita pressa, sem perceber a criança e as suas reações frente aos alimentos ou frente as mudanças na alimentação. Essas atividades acabam sendo tratadas como repetitivas e até estressantes, e os detalhes acabam não sendo nem sequer percebidos.

Ao contrário disto, as análises demonstram que os momentos de alimentação podem ser tranquilos, leves e significativos aos bebês e aos adultos envolvidos nestes momentos, quando planejados e contemplados como uma prática importante na vida dos bebês e no cotidiano da escola infantil, uma prática que considera o momento vivido naturalmente, vislumbrando o processo e não o produto final ou a busca de um resultado, é possível ainda perceber que a atenção dada aos detalhes é a base para planejar os momentos de alimentação para os bebês, e fazem toda a diferença na criação de um ambiente adequado as especificidades da faixa etária e ao desenvolvimento dos bebês.

#### 4.6 A VISIBILIDADE DOS BEBÊS NA ESCOLA INFANTIL

A garantia da visibilidade para com os bebês impõe ainda muitos desafios, a ampliação dos estudos na faixa etária de zero a três anos vem favorecendo um novo olhar aos bebês e o reconhecimento desta faixa etária. Pensar sobre os bebês na

escola infantil é pensar sobre as infâncias e a garantia de um trabalho que respeite as potencialidades e especificidades da faixa etária, onde os bebês nas escolas infantis possam ser compreendidos de outras maneiras, como sujeitos ativos e não mais como seres incompletos, ou sujeitos a “vir a ser”.

De acordo com Gobbatto,

As pesquisas vêm mostrando que os bebês são ativos: procuram o outro através do olhar, do gesto, do toque, do choro; interessam-se pelo mundo desde o seu nascimento. Estar ciente disso abre outras possibilidades para uma imagem de bebê e criança pequena que os vê como capazes e potentes e não mais como seres isolados e egocêntricos. Uma imagem que não é única, pois contém e deve dar conta das diferenças, particularidades e especificidades, de ritmo, cultura, classe, gênero, de cada bebê (Gobbato, 2013, p. 44).

Esses olhares vêm garantindo o lugar dos bebês e a visibilidade dos mesmos nos espaços de vida coletiva como as escolas de educação infantil, favorecendo assim novos rumos às práticas pedagógicas para a faixa etária de zero a três anos, que de fato considere as especificidades da faixa etária e a singularidades dos bebês. Esses novos olhares também favorecem a visibilidade aos bebês como sujeitos ativos e de direitos, valorizando suas competências desde a mais tenra idade. Olhares que, segundo Carolina Gobbatto (2013), são construídos a partir da compreensão de que os bebês e as crianças pequenas agem no mundo coconstruindo suas experiências com outros bebês, crianças e adultos, olhares não mais passíveis de serem generalizados, classificados em etapas ou em estágios de desenvolvimento.

As contribuições de Gobbatto nos mostram que os bebês estão por todos os espaços. Barbosa (2010) também enfatiza que os bebês na creche, além da sala, têm direito aos espaços de uso coletivo, como bibliotecas, sala de música, pátio e outros espaços que devem ser prazerosos, bonitos, relaxantes e alegres.

Neste estudo foi possível observar que a professora pesquisada preocupa-se em garantir que os bebês estejam de fato por todos os espaços e que sejam respeitados dentro de suas especificidades, procurando garantir seus direitos de escolha como sujeitos ativos. Acredito que a visibilidade perpassa por este entendimento de respeito considerado pela professora no espaço do refeitório, no momento de alimentação dos bebês, conforme declara na entrevista:

**P:** Acho que principalmente essa questão de respeitar o que eles querem comer, o que eles têm vontade de comer, o que eles gostam de comer, porque a gente enquanto adulto, a gente tem nossas preferências então os bebês também têm, é claro que a gente vai oferecer mais de uma vez, uma fruta, um tomate, uma vagem, mas se tu ofereceu várias vezes e o bebê tá dizendo que não quer, porque pra nós tá muito claro, por exemplo o V. não gosta de tomate, não gosta e então tu ofereceu e várias vezes ele botou pra fora porque ele não quer [...] (Fonte: Entrevista com a professora).

O refeitório é um dos espaços mais utilizados pelos bebês no decorrer do dia, são em média quatro refeições realizadas neste espaço, um local de muitas interações e aprendizagens, a professora contempla em sua prática a garantia do direito dos bebês na escolha dos alimentos e de suas preferências, embasada pela empatia, uma característica fundamental para quem trabalha com crianças pequenas. A empatia possibilita que nos coloquemos no lugar do outro, resultando no respeito ao próximo, e desta forma nos colocando ao lado do bebê, e não superior a ele. Não basta garantir que os bebês ocupem os espaços da escola, se as ações do professor não estiverem pautadas no respeito para com o outro.

Em entrevista realizada no âmbito da pesquisa, a professora demonstrou que esta visão de respeito e empatia deve permear todos os grupos etários, conforme segue abaixo:

**P:** [...] assim, é preciso respeitar o gosto de cada um dos bebês, não só dos bebês, isso é geral mesmo quando eu tô com os do Jardim eu não me preocupo em forçar as crianças a comerem, não gosto muito desta história de deixar comida servida, porque os grandes já têm como dizer o que querem, quero feijão, quero massa, quero carne, eu acho que a gente tem que respeitar as crianças no que elas gostam, isso é o que eu acho.

Ao enfatizar o respeito ao gosto das crianças de outro grupo com as quais também trabalha, a professora demonstra-se incomodada com a ação de algumas pessoas que não têm esta escuta para com as crianças (independente da idade), ao enfatizar em sua fala que as crianças “já têm como dizer o que querem”, ou seja, muitas vezes, independente da faixa etária, as crianças não são ouvidas e não têm seus direitos respeitados pelos adultos.

Tristão (2006), em seus estudos, coloca que:

[...] a prática junto aos berçários, possui características bastante peculiares e o trabalho com os bebês “não aparece” dentro da instituição, pois as

crianças não produzem concretamente nada, e grande parte do tempo em um Berçário é destinado as ações rotineiras que envolvem a chegada, a alimentação, a higiene, o sono. No imaginário dos adultos profissionais da educação e no senso comum há a noção que deve haver a produção de algo para estar caracterizando um processo educativo (TRISTÃO, 2006).

Desta forma a ação pedagógica da professora, nos momentos de alimentação, muitas vezes não é considerada por alguns profissionais que atuam na escola, resultando na invisibilidade deste momento no cotidiano da escola infantil, acarretando também na invisibilidade dos bebês neste espaço, como segue o trecho da entrevista com a professora.

**P:** [...] Outra coisa que nós começamos a questionar é porque os bebês, quando tinha sopa, porque todo mundo ganhava pãozinho e os bebês não ganhavam, não tinha uma explicação lógica, aí eu perguntei, questionei a técnica e aí ela disse: “é porque aí eles não vão aceitar bem a sopa”, bom mas se eles já repetiram a sopa dá pra oferecer? Então dá. A partir disso a gente começou a oferecer um pãozinho pros bebês. E porque também as pessoas querem deixar os bebês à parte da Escola e não é isto que a gente quer, a gente quer que os bebês estejam vivendo no conjunto da escola, inclusive compartilhando de comer as mesmas comidas se eles tem condições, mas não é muito fácil, porque envolve muitas pessoas e aquilo que vale para a vida delas, vale para a escola também, mas não é bem assim!

A conversa da professora com a técnica em nutrição, no trecho da entrevista acima, evidencia o quanto o trabalho da professora e os bebês não são muitas vezes considerados por outros profissionais que atuam na escola, evidenciando a cristalização de práticas que fazem parte da história da educação infantil, neste caso, considerando os bebês como sujeitos passivos, e o momento da alimentação como uma prática rotineira, organizada apenas para nutrir o corpo.

Com base na entrevista acima, o pensamento da professora volta-se para o reconhecimento dos direitos dos bebês e das crianças, encarando-os como sujeitos ativos, competentes, buscando garantir a visibilidade dos mesmos no espaço de vida coletiva da escola infantil, porém não parece ser um consenso entre os demais profissionais que atuam na escola.

De acordo com Rech (2006), a tarefa de atribuir direito às crianças percorreu longos e tortuosos caminhos. Muitas das dificuldades devem-se à lenta conscientização da sociedade acerca da necessidade de reconhecer as crianças como sujeitos de direitos e a problemas com a interpretação à respeito da aplicação das leis. A promulgação da Constituição de 1988 foi um marco inicial no que diz

respeito ao direito das crianças, conquista reforçada pelo Estatuto da Criança e Adolescente (Lei n. 8.069/90), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96) e também do documento do MEC-COEDI (1995), Critérios de atendimento em creche que respeite os direitos da criança, de autoria de Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg.

As análises evidenciam que a visibilidade aos bebês é contemplada na ação pedagógica da professora que, ao planejar e organizar os momentos de alimentação, busca contemplar as especificidades da faixa etária, bem como luta para que os bebês tenham seus direitos garantidos. A professora, além de garantir o direito dos bebês em estar nos espaços coletivos como o refeitório, também procura respeitar os gostos dos bebês em relação aos alimentos, bem como preocupa-se em promover o acesso aos demais alimentos, conforme as condições dos pequenos.

Nas análises também foi possível perceber que a professora, ao planejar os momentos de alimentação, busca contemplar as especificidades da faixa etária, favorecendo que tais momentos sejam permeados pela intencionalidade do fazer pedagógico, através de um planejamento que considera as evidências concretas dos bebês na vida cotidiana, não deixando cair na naturalização de tais momentos. A ação prática e reflexiva da professora permite agir sobre a realidade vivenciada e construir, desta forma, uma prática favorável e pertinente as descobertas dos bebês com relação aos alimentos, aos tempos, ao espaço e as interações provocadas nos momentos de alimentação.

A visibilidade aos bebês é evidenciada na prática da professora, e no planejamento dos momentos de alimentação, ao considerar os bebês como protagonistas e atores de seus desejos e ações. De qualquer forma, as análises mostram que a professora aos poucos tem ampliado a visibilidade dos bebês no espaço coletivo da escola, ao acreditar e mostrar na prática que os bebês são competentes e sujeitos de suas próprias aprendizagens e conquistas.

Ao destacar a figura da professora, cabe salientar que nas observações realizadas e nas análises foi possível verificar que a mesma possui uma postura acolhedora e respeitosa com cada um dos bebês, seus gestos são sensíveis e delicados, assim como sua voz é calma. As demais educadoras também possuem este perfil, o que faz acreditar na importância da postura estável dos adultos para com os bebês.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao delimitar as questões do presente estudo, optei por observar os momentos de alimentação em um grupo de bebês no contexto de uma escola de educação infantil, a fim de buscar respostas sobre que elementos da prática pedagógica da professora são considerados no planejamento dos momentos de alimentação em um grupo de berçário. Assim, realizar esta pesquisa possibilitou aprender e ser surpreendida por uma prática detalhada de uma professora para com um grupo de bebês, ampliando a visibilidade desta faixa etária, e principalmente agregando um novo olhar para os momentos de alimentação no contexto da vida cotidiana na escola de educação infantil.

O estudo mostra que a comunicação e o diálogo são elementos visivelmente contemplados na prática cotidiana da professora ao pensar e planejar os momentos de alimentação dos bebês. A comunicação é um elemento que atravessa as práticas cotidianas de alimentação, ocorre no cotidiano, entre os adultos profissionais que organizam, elaboram e planejam estes contextos, A comunicação é constante e também ocorre entre os adultos e as crianças e as crianças entre si. O jeito peculiar dos bebês se expressarem e se comunicarem exige a sensibilidade e empatia do adulto, para se relacionar com os bebês e acolher suas iniciativas, seus jeitos e maneiras de comunicar seus desejos.

Durante o estudo, também foi observado que escola e família, desde a chegada dos bebês na escola, compartilham constantemente de informações, conhecimentos e experiências com relação às questões alimentares, seus gostos, preferências, dificuldades, formas de ser alimentados, entre outros. Tais compartilhamentos favorecem reflexões constantes dos diferentes adultos envolvidos, a partir de dados concretos da realidade, colaboram com a intencionalidade do planejamento e na organização dos momentos de alimentação na escola. A comunicação constante, entre escola e família também favorece um olhar para as singularidades dos bebês, e o preparo de refeições buscando contemplar as necessidades de cada um.

Este estudo constatou que a professora pesquisada contempla na sua prática um olhar também para a amamentação no espaço escolar, apesar da escola carecer de um espaço adequado, aconchegante e acolhedor para a realização desta prática.

As mães que desejam amamentar seus bebês são acolhidas, porém os problemas estruturais da escola impedem a configuração de um espaço reservado para a amamentação, e a priorização desta prática na escola. Neste sentido, faz-se necessário a realização de uma ação em conjunto com o setor de nutrição e equipe diretiva, a fim de pensar na organização de um espaço apropriado para a amamentação, como um projeto de escola, fomentando tais práticas e garantindo um direito dos bebês no contexto coletivo da escola infantil, já previsto no Projeto Pedagógico.

O estudo aponta que na ação pedagógica da professora as questões referentes ao tempo e ao espaço são fundamentais no planejamento dos momentos de alimentação. Ao longo do ano os bebês ocupam diferentes espaços para alimentarem-se, iniciando pelo espaço da sala de referência, ocupando gradativamente outros espaços que necessitam ser planejados e organizados para acolher os bebês, conforme suas especificidades, neste caso o estudo mostra que a professora busca garantir o uso do espaço coletivo do refeitório para os bebês, afirmando o direito de garantir o acesso dos bebês em todos os espaços da escola.

A presença dos bebês no espaço coletivo do refeitório garante o convívio com demais crianças e adultos, favorecendo a socialização e a interação com outras crianças e adultos, bem como promove a visibilidade dos bebês nos demais espaços coletivos da escola. Este espaço é de certa forma adaptado com cadeiras e mesas adequadas às condições dos bebês, evidenciando que é possível organizar e garantir as condições necessárias para serem atendidos na sua especificidade, favorecendo suas capacidades de agir, fazer escolhas, movimentar-se pelo espaço, exercer sua autonomia, configurando os momentos de alimentação como uma prática social e cultural

Aliado ao espaço, o tempo caracteriza-se como um outro elemento considerado no planejamento da professora. Tempo que permite aos bebês viverem as experiências oportunas nos momentos de alimentação, apesar da alimentação estar organizada em horários prefixados na rotina da escola, é possível garantir o tempo individual da criança para alimentar-se. Aprender a comer, levar o alimento do prato à boca, dominar e coordenar-se é uma tarefa complexa, e requer tempo, sensibilidade e experimentação.

O tempo também é considerado pela professora com relação a maturidade de cada criança, ao defender e contemplar que cada uma possui um ritmo de

desenvolvimento, como, por exemplo, ao realizar a introdução de alimentos e suas diferentes formas de ofertar, respeitando o bebê e sua singularidade, apesar da alimentação configurar-se como um momento coletivo no cotidiano da escola infantil.

Alguns fatores, porém, podem interferir na garantia deste tempo, como por exemplo a falta de recursos humanos e as falhas de comunicação entre os diferentes adultos envolvidos com a alimentação dos bebês.

Nos momentos de alimentação, o olhar atento e reflexivo da professora possibilita oferecer condições favoráveis para ampliar o repertório das crianças e contextualizar o planejamento de acordo com as ações que os bebês vêm demonstrando, considerando desta forma os bebês como coautores e protagonistas deste processo. O espaço e o tempo, organizados de acordo com as especificidades da faixa etária, torna o ambiente agradável e acolhedor, favorecendo experiências ricas e prazerosas sabores, afetos e interações.

No caminho percorrido, percebo também que ao planejar os momentos de alimentação dos bebês a professora utiliza elementos na sua prática pedagógica a partir da sua concepção de bebê, infância e de educação infantil. Ao reconhecer os bebês como protagonistas, nas ações cotidianas, como sujeitos que pensam, comunicam-se, interagem que possuem desejos, necessidades e vontades, a professora contempla na sua prática a visibilidade aos bebês, com ações alicerçadas no respeito e na garantia dos direitos dos mesmos em estar num ambiente que de fato acolha as suas especificidades e garanta seu bem estar.

Ao realizar este estudo observei também que a professora fundamenta sua prática nos estudos de Emmi Pickler, revelando o quanto este estudo é potente na construção teórica para a consolidação da ação pedagógica com os bebês. Estudo este que iniciou com cursos de formação continuada, promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, mobilizando a professora a buscar por conta própria a ampliação de seus conhecimentos referente a esta abordagem. Neste sentido é possível afirmar a importância da formação continuada de professores e educadores, para a consolidação de uma prática pedagógica qualificada.

O estudo mostra a importância dada pela professora para as rotinas de alimentação dos bebês, através do olhar sensível e atento, do diálogo constante com os bebês, das trocas de olhares e de toques sutis, em um ambiente estável que permite o bebê explorar e agir de acordo com seu tempo e ritmo próprio. Os estudos

realizados pela professora também contribuíram para constituir os momentos de alimentação como pedagógicos, e como uma especificidade a ser garantido no currículo da educação infantil.

O estudo apontou que a prática da professora, ao pensar e planejar os momentos de alimentação, perpassa pela sensibilidade e exercício constante da observação, a fim de analisá-los e qualificá-los como importantes na vida cotidiana dos bebês na escola infantil, estar atento as ações dos bebês, e interpretá-las favorece a compreensão das necessidades dos pequenos. Neste sentido, o sistema de educador referência poderá ser um elemento importante a ser considerado no planejamento dos momentos de alimentação, uma vez que este tipo de organização contempla aos bebês um vínculo com o adulto, que ele possa se relacionar de maneira especial, permitindo ao educador conhecer melhor o bebê e assim garantir as suas especificidades.

Destaco que a visão de bebê competente, ativo, com vez e voz, foi observado nas análises durante as observações e entrevistas com a professora, sendo que essa postura resulta na forma como a mesma pensa e organiza os momentos cotidianos de alimentação, considerando os bebês como protagonistas desta história, percebendo as sutilezas e a intencionalidade ao considerar, no planejamento dos momentos de alimentação, os detalhes e as minúcias deste contexto.

Na sua prática fica claro a compreensão de bebê potente e competente, que aprende a todo o instante através das diversas interações no espaço e no tempo, bem como nas relações com seus pares e com os adultos. A professora demonstra ser conhecedora de cada um dos bebês, através de seus gestos, olhares e expressões, e assim ao traduzir em narrativas busca dar sentido e significado às ações dos pequenos.

A pesquisa realizada levou a compreender que são múltiplos elementos que se articulam no cotidiano e são utilizados pela professora na elaboração do planejamento dos momentos de alimentação dos bebês nesta escola de educação infantil, destacando os seguintes:

- ✓ Planejamento e organização do espaço e do tempo onde ocorrem os momentos de alimentação.
- ✓ A atenção dada aos detalhes nos momentos de alimentação e o olhar para as singularidades e especificidades dos bebês, apesar da alimentação

configurar-se em um momento coletivo no cotidiano da escola de educação infantil.

- ✓ A comunicação e diálogo entre escola e família, e o compartilhamento constante de informações com relação às questões alimentares dos bebês;
- ✓ O diálogo constante e o planejamento envolvendo os diferentes segmentos de funcionários da escola: professora, educadoras, cozinheira, nutricionista, direção.
- ✓ A concepção de bebê potente e seu protagonismo nos momentos de alimentação.
- ✓ A observação e a escuta atenta da professora e demais educadoras para com os bebês, suas ações e expressões.
- ✓ A formação continuada, que permite refletir sobre sua prática, bem como ampliar seu olhar para as especificidades desta faixa etária.

Por fim, considero que a ação pedagógica da professora investigada reflete num movimento que dá visibilidade aos bebês no cotidiano desta instituição, em especial no contexto do refeitório que é um espaço coletivo, neste sentido, sua ação pedagógica pode contribuir para que a visibilidade dos bebês seja um projeto de escola e esta visibilidade pode começar no coletivo do refeitório da escola.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, I. Além da nutrição. **Revista Educação Infantil**, n. 11, out./nov./dez. 2014.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líder, 2005.

BARBOSA, M. C.; FOCHI, P. S. Os bebês no Berçário: ideias chaves. In: FLORES, M. L.; ALBUQUERQUE, S. S. de (Org.). **Implementação do Prinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2015.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_. **As especificidades da ação pedagógica com bebês**. Porto Alegre: [s/n], 2010.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: \_\_\_\_\_. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 15-80.

BRASIL. **Lei n. 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Práticas cotidianas na educação infantil** – bases para reflexão sobre as orientações curriculares. Consultora: M. C. S. Barbosa. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil. Brasília: MEC/SEB/COEDI, 2009a.

BRASIL. **Relatório de Pesquisa: A produção acadêmica sobre orientações curriculares e práticas pedagógicas na educação infantil brasileira**. Projeto de Cooperação Técnica MEC/UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB/UFRGS, 2009b.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil**. Brasília, 2009c.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB n. 20/2009**. Brasília, 2009d.

CÂMARA, H. G. **Do olhar que convoca ao sorriso que responde**: possibilidades interativas entre bebês. Dissertação (Mestrado em educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez, 2012.

COUTINHO, A. S. A prática docente com bebês. **Revista Pátio - Educação Infantil**, ano XI, n. 35, abr./jun. 2013.

COUTINHO, O. Estudo das relações sociais dos bebês na creche: uma abordagem interdisciplinar. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 11, n. 19, p. 17-25, 2009.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL. **Projeto Político Pedagógico**. Porto Alegre, 2011, 48 f. (texto digitado).

FALK, J. **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. São Paulo: JM, 2004.

FERREIRA, M. C. Interações dos bebês em creche. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, set./dez. 2004.

FILHO, A. J. M. Crianças e adultos: marcas de uma relação. In: \_\_\_\_\_. **Infância plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FOCHI, P. Planejar para tornar visível a intenção educativa. **Revista Pátio – Educação infantil**, ano XII, n. 45, out./dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. Trad. Marlon Xavier. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GUIMARÃES, D. de O. **Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro**: técnicas corporais, responsividade, cuidado. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GUIMARÃES, D. **Relações entre bebês e adultos na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KUHLMANN, M. J. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. Educando a infância Brasileira. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 2015.

LEONARDO, M. Antropologia da Alimentação. **Antropos** – Revista de Antropologia, v. 3, ano 2, dez. 2009.

MARTINS FILHO, A. J. (Org.). **Criança pede respeito**: temas em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MATURANA, V. Reflexões acerca da relação entre alimentação e o homem. **Revista IGT**, v. 7, n. 12, p. 176, 2010.

MELLO, M. M. de S. **Nutrição Infantil**: uma receita de saúde. Porto Alegre: Mediação, 2003.

\_\_\_\_\_. Nutrição e hábitos alimentares saudáveis na primeira infância. In: RAPOPORT, A. et al. **O dia a dia na Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

OLIVEIRA, Z. de M. R. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

PEDROSA, M. I. A surpreendente descoberta: quem é e o que pode aprender uma criança de até três anos. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação de crianças em creches**. Brasília: MEC, 2009.

PIOTTO, D. C.; FERREIRA, M. V.; PANTONI, R. V. Comer, comer... comer, comer... “É o melhor para poder crescer...”. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (Org.). **Os fazeres da educação infantil**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

RAPOPORT, A. et al. **O dia a dia na Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

RECHE, I. P. F. A “hora da atividade” no cotidiano das instituições. In: FILHO, A. J. M. **Infância plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

REVISTA EDUCAÇÃO INFANTIL, n. 9, abr./mai./jun. 2014.

REVISTA EDUCAÇÃO INFANTIL, n. 10, jul./ago./set. 2014.

REVISTA PÁTIO - Educação Infantil, ano VIII, n. 22, jan./mar. 2010.

RICHTER, A. C.; VAZ, A. F. Sobre a tutela dos corpos infantis na rotina alimentar da creche. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 143, mai./ago. 2011.

RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, M. C. A. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p.85-96, jan./abr.2010

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. A educação coletiva do pequeno cidadão de 0 a 3 anos. **Revista Criança**, Ministério da Educação, dez. 2008.

SEABRA, K. da C.; MOURA, L. S. de M. Alimentação no ambiente da creche como contexto de interação nos primeiros dois anos de um bebê. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, p. 77-86, jan./abr. 2005.

TEDESCHI, M.; CAVALLINI, I. **As linguagens da comida**: receitas, experiências e pensamentos. Trad. Thais Helena Bonini. São Paulo: Phorte, 2015.

TRISTÃO, F. C. D. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com os bebês. In: FILHO, A. J. M. (Org.). **Infância plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

## ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

---

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

*À Secretaria Municipal de Educação do Município de Porto Alegre*

A proposta de pesquisa que realizo como aluna(o) do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em convênio com o Ministério da Educação, procura investigar As práticas cotidianas de alimentação no grupo de Berçário I da Escola Municipal de Educação Infantil Mamãe Coruja pertencente a rede municipal de educação do município de Porto Alegre.

Assim, com o consentimento e autorização da mantenedora desta escola, bem como da direção e demais envolvidos na pesquisa pretendo realizar observação no cotidiano da escola, entrevista e análise do Projeto Político Pedagógico da escola.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações e entrevistas junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados produzidos na pesquisa serão analisados e utilizados na apresentação do trabalho e poderão ser divulgados em aulas, palestras e seminários, bem como produção de artigos para revistas e congressos científicos da área. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionado o nome dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone: (51) 8322 3196 ou pelo endereço eletrônico greicestvivanin@yahoo.com.br. Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas.

Eu, \_\_\_\_\_, RG sob o número \_\_\_\_\_, Responsável pela Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, concordo que a pesquisa seja realizada nesta rede escolar e nesta escola.

\_\_\_\_\_  
Responsável na SMED/POA

\_\_\_\_\_  
Aluna - Greice Ben Stivanin

\_\_\_\_\_  
Orientadora - Simone Santos de Albuquerque



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

*À diretora da escola*

A proposta de pesquisa que realizo como aluna(o) do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em convênio com o Ministério da Educação, procura investigar As práticas cotidianas de alimentação no grupo de Berçário I.

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola e demais envolvidos na pesquisa pretendo realizar observação no cotidiano da escola, entrevista e análise do Projeto Político Pedagógico da escola.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações e entrevistas junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados produzidos na pesquisa através das observações e entrevistas serão analisados e utilizados na apresentação do trabalho e poderão ser divulgados em aulas, palestras, seminário, e congressos, bem como produção artigos para revistas e congressos científicos na área. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionado o nome dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone: xx xxxxxxxx ou pelo endereço eletrônico greicestvivanin@yahoo.com.br. Após ter sido devidamente informado(a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas.

Eu, \_\_\_\_\_, RG sob o número \_\_\_\_\_, Diretora da Escola xxxxxxxx xxxxxx, concordo que a pesquisa seja realizada nesta escola.

\_\_\_\_\_  
Diretora da Escola

\_\_\_\_\_  
Aluna - Greice Ben Stivanin

\_\_\_\_\_  
Professora Orientadora - Simone Santos de Albuquerque



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

---

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCALRECIDO**

*A Professora*

A proposta de pesquisa que realizo como aluna (o) do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em convênio com o Ministério da Educação, procura investigar As práticas cotidianas de alimentação no grupo de Berçário I da Escola Municipal de Educação Infantil Mamãe Coruja pertencente à rede municipal de educação do município de Porto Alegre.

Assim, com o consentimento e autorização da mantenedora desta escola, bem como da direção e demais envolvidos na pesquisa pretendo realizar observação no cotidiano da escola, entrevista e análise do Projeto Político Pedagógico da escola.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações e entrevistas junto aos sujeitos da pesquisa.

Os dados produzidos na pesquisa serão analisados e utilizados na apresentação do trabalho e poderão ser divulgados em aulas, palestras e seminários, bem como produção de artigos para revistas e congressos científicos da área. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionado o nome dos participantes e da escola em nenhuma apresentação oral. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo às pessoas entrevistadas e/ou observadas.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone: xx xxxxxxxxx ou pelo endereço eletrônico greicestvivanin@yahoo.com.br. Após ter sido devidamente informado (a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas.

Eu, \_\_\_\_\_, RG sob o número \_\_\_\_\_, Professora da Escola xxxxxxxxxxxxx, concordo que a pesquisa seja realizada em minha escola.

\_\_\_\_\_  
Professora Participante

\_\_\_\_\_  
Aluna - Greice Ben Stivanin

\_\_\_\_\_  
Professora Orientadora - Simone Santos de Albuquerque

## **Roteiro de observação**

### **Grupo: Berçário**

O que observar?

1. Os momentos e convites para alimentação;
  - Momento da rotina que ocorre a alimentação;
  - Como é a preparação, desenvolvimento e conclusão deste momento;
  - Como os bebês protagonizam este momento? São convidados, avisados, interpelados?
2. Os tempos:
  - Como é planejado e vivenciado o tempo de alimentação?
  - Quem controla? (cozinha, professora/educadoras, funcionários limpeza)
  - O tempo dos bebês é respeitado de acordo as demandas, necessidades e tempos individuais?
3. Os espaços:
  - Como são os materiais e mobiliários;
  - Como são planejados para o momento da alimentação.
4. As interações:
  - Adultos/ bebês;
  - Bebês entre eles;
  - Bebês e alimentos.

**Roteiro de entrevista semiestruturada com a professora do grupo de berçário**

Nome:

Idade:

Formação:

Tempo em que atua na educação infantil:

Tempo em que atua no berçário:

Tempo que atua na escola:

1. Qual a sua concepção sobre a alimentação na escola infantil?
2. Como você planeja/organiza os momentos de alimentação dos bebês? Que referências você utiliza para planejar e acompanhar os momentos de alimentação dos bebês?
3. Como funciona a amamentação dos bebês? A escola oferece espaço para as mães amamentarem seus filhos? Como é este espaço?
4. Como se dá a relação com as famílias sobre processo de alimentação dos bebês no cotidiano da escola? Como são obtidas as informações sobre a alimentação e a introdução dos alimentos aos bebês? As famílias costumam compartilhar informações sobre a alimentação dos seus filhos com a Escola?
5. Você costuma compartilhar com as famílias o processo de introdução de diferentes alimentos aos bebês? De que forma? E como é a rotina de alimentação dos bebês na escola? Quantas refeições são ofertadas ao dia?
6. Qual o tempo médio estimado para estes momentos? Quais os fatores que mais interferem no tempo destinado para a alimentação dos bebês? Quem controla este tempo?
7. Como se dá a relação dos diferentes setores que envolvem a alimentação na escola?
8. O que você considera importante garantir aos bebês nos momentos de alimentação?
9. Quais as necessidades evidenciadas pelos bebês nesse momento?
10. Como você compartilha os momentos de atenção individualizada aos bebês, neste momento coletivo de alimentação?
11. Como você organiza o acesso dos bebês aos utensílios como copos, pratos, talheres...

12. Como funciona o espaço do refeitório da escola nos momentos de alimentação? Os bebês alimentam-se somente no refeitório ou é possível oferecer a alimentação em outros espaços?
13. Gostaria de comentar/acrescentar algo sobre a alimentação de bebês na escola?